



# Letras Português

ENSAIOS PEDAGÓGICOS

Ano III - nº1 - janeiro a junho de 2021

Revista de Produção Científica da UNIFACVEST



editora  
**papervest**

nº **4**



# Letras Português

ENSAIOS PEDAGÓGICOS

Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de  
Letras: Português da Unifacvest

Ano III- nº1- janeiro a junho de 2021

**ENSAIOS PEDAGÓGICOS - ISSN 1679-3617**

ENSAIOS PEDAGÓGICOS- Revista de Artigos e Produção  
Acadêmica do curso de Letras: Português da Unifacvest.

Lages: Papervest Editora, nº 04, Ano III- nº1  
janeiro a junho de 2021, 82p



editora  
**papervest**

Publicação da Papervest Editora  
Av. Marechal Floriano, 947 - CEP: 88503-190  
Fone: (49) 3225-4114 - Lages / SC  
[www.unifacvest.edu.br](http://www.unifacvest.edu.br)

centro universitário  
**unifacvest****Mantenedora:** Sociedade de Educação Nossa Senhora Auxiliadora**Publicação da Papervest Editora**

Av. Marechal Floriano, 947- Cep: 88.503-190

Fone: (49)3225-4114- Lages / SC

[www.unifacvest.edu.br](http://www.unifacvest.edu.br)

Ensaio Pedagógico - Letras: Português

Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de Letras: Português da Unifacvest

Editores- Renato Rodrigues (Presidente) e Arceloni Neusa Volpato

**Conselho Editorial e Científico****Doutores**

Alejandro Villalobos Clavería (Chile)

Alexandre Teixeira (Uruguay)

Andreia de Bem Machado (Brasil)

Camilla Volpato Broering (Brasil)

Doris Dukova (Colombia)

Eduard Marquardt (Brasil)

Fabio Eduardo Grunenwald Soares (Brasil)

Gustavo Capobianco Volaco (Brasil)

José Endoença Martins (Brasil)

Juan Martin Ceballos Almeraya (México)

Juscelino Francisco do Nascimento (Brasil)

Lourival Andrade Junior (Brasil)

Luis Miguel Cardoso (Portugal)

Ramon Hernandez de Jesus (Venezuela)

Rita Borges (Brasil)

Soeli Staub Zembruski (Brasil)

Diagramação- Gráfica Princesa

---

Ensaio Pedagógico Letras: Português - Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de Letras:  
Português da Unifacvest- Ano III- nº1, Lages: UNIFACVEST- janeiro a junho de 2021, 82p.  
Semestral

ISSN 1679-3617

1. Educação- 2. Ciências

I. Título

centro universitário  
**unifacvest****Reitor**

Geovani Broering

**Pró-reitora Administrativa**

Soraya Lemos Erpen Broering

**Pró-reitor de Pesquisa e Extensão**

Renato Rodrigues

**Pró-reitor Acadêmico**

Roberto Lopes da Fonseca

## APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que o Centro Universitário Unifacvest entrega à comunidade acadêmica e sociedade em geral mais uma Revista Ensaios Pedagógicos.

O papel de uma instituição de Ensino Superior é garantir o desenvolvimento do tripé que sustenta a universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão). É com este espírito que o Centro Universitário Unifacvest tem atuado nestes últimos anos, garantindo qualidade e possibilidade de desenvolvimento intelectual, gerando uma melhor expectativa de crescimento econômico e buscando a garantia da cidadania em sua plenitude.

Uma revista científica cumpre uma missão consagrada das pesquisas de professores de nossa instituição, que vão de projetos individuais a coletivos. A divulgação dos resultados destes processos de trabalho é o objetivo central desta revista, que dará visibilidade a estas iniciativas e seus resultados.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar nossa disposição de sempre estar apoiando projetos criativos e inovadores nas diversas áreas do conhecimento, respeitando as peculiaridades das diversas ciências e de nossos professores/pesquisadores.

Neste sentido, convidamos mais profissionais que atuam em nossa instituição para escreverem artigos e participar deste projeto de fazermos da Revista Ensaios Pedagógicos um canal sério e dedicado à pesquisa de ponta, além de ser uma Revista Científica multi-temática que estará dialogando com profissionais de outras instituições de Ensino Superior do Brasil e do Exterior.

Geovani Broering

Reitor do Centro Universitário UNIFACVEST

# SUMÁRIO

## **A CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Sandra Rossetti de Souza Luciano, Felipe Tanikawa Rocha, Andreia Vieira Maia ..... 01

## **A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA APRENDIZAGEM**

Schayne Feler Ribeiro, Rosana Aparecida Raitz Fernanda da Silveira Lisboa ..... 09

## **DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E AGORA?**

Arleide Catarina Wolff Camargo, Arlene Aparecida de Arruda, Cassiane Pires Lima, Cristian Roberto Antunes de Oliveira, Fabiana Carbonera Malinverni de Melo, Siomara Catarina Ribeiro Caminha ..... 19

## **O CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPO DE PANDEMIA**

Liziane Aparecida Kracik, Evani Maria Barbosa<sup>2</sup>, Fabiana Soares, Felipe Tanikawa Rocha, Keli Almeida Bortoli Paz, Marcel Oliveira De Souza, Nanci Alves Da Rosa, Rejane Dutra Bergamaschi ..... 30

## **QUEM SERÃO OS CONTADORES DA HISTÓRIA DO SÉCULO XXI NO FUTURO: GESTÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Débora Aparecida Rosa, Cristiane Aparecida Dias Pessoa, Elaine Martins Do Amaral, Fabiana Soares, Leia Kelly Rodrigues Da Silva Penso, Elaine Antunes De Matos ..... 46

### REFLETINDO E REINVENTANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Luís Ricardo Cordova da Silva, Ademar de Souza Mendes, Andreia Vieira Maia, Eri Cistina dos Anjos Campos, Fernanda Da Silveira Lisboa, Antonella Bianchi Ferreira Ishii

54

### AULAS EM MEIO A PANDEMIA: AVALIAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA

Fernanda Vieira Castanha, Raiane Lisboa Da Cruz, Rosana Raitz

64

### TREINAMENTO PARADESPORTIVO DA APAE LAGES NA PANDEMIA

Fabricio Marcelo Ribeiro Matos, Claudia Jane De Oliveira, Fernanda da Silveira Lisboa, Janete Pereira Waltrick, Lucia Helena Matteucci, Raiane Lisboa Da Cruz

70

### VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Marcia Santos de Sá, Janete Pereira Waltrick, Keli Almeida Bortoli Paz, Raiane Lisboa da Cruz, Rejane Dutra Bergamaschi, Schaiane Souza Cruz

77

### NORMAS PARA COLABORADORES

81



## A CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Sandra Rossetti de Souza Luciano<sup>1</sup>

Felipe Tanikawa Rocha<sup>2</sup>

Andreia Vieira Maia<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho corresponde aos estudos e pesquisas sobre a Criança no Processo de Alfabetização e Letramento, com as reflexões oportunizadas durante a Pós-Graduação, bem como na graduação e atuação pedagógica vivenciada nas práticas escolares. Pretende-se com esta pesquisa, abordar essa etapa da aprendizagem das crianças, sua forma de adquirir novos conhecimentos e desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Relacionou-se ainda, analisar e diferenciar os termos e práticas do letramento e da alfabetização, tratar sobre os métodos utilizados que mudam ao longo da história de acordo com o contexto socioeconômico e cultural, e assim contribuir para nossa prática docente futura. Utilizamos o método exploratório de estudo qualitativo, baseado nas pesquisas bibliográficas, com leituras em livros, revistas e artigos, de todo conhecimento advindo de grandes escritores e educadores como Magda Soares e Emilia Ferreiro. Assim, constata-se que o tema é fundamental para todos os profissionais da educação, do mesmo modo que o processo de letramento e alfabetização é essencial para todas as demais etapas da aprendizagem e o pleno desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Criança.

<sup>1</sup>Acadêmica Graduada em Pedagogia, especialização em Alfabetização e Letramento. E-mail: sandrarossettiprofessora@gmail.com.

<sup>2</sup>Mestre em Letras, Práticas Transculturais. Especialista em Radioterapia pela Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Radiologia pela Universidade Anhanguera. Possui formação superior em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Anhembí Morumbi, licenciatura em Letras pela Universidade Estácio de Sá. Atualmente, atua como professor de Ensino Superior na área da Saúde e Tecnólogo em Radiologia, realizando supervisão de estágios curriculares obrigatórios e como professor-tutor no EAD do Centro Universitário Unifacvest.

<sup>3</sup>Graduação em Pedagogia (Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental) pela Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC (2003). Pós-graduada na mesma área incluindo a área de Educação Especial, pela FACEL (2006), Especialização pela UNESP (2012) em Atendimento Educacional Especializado, Mestrado Acadêmico em Educação pela UNIPLAC (2015).

## ABSTRACT

This work corresponds to studies and research on the Child in the Literacy and Literacy Process, with the reflections offered during the Post-Graduation, as well as in the graduation and pedagogical performance experienced in school practices. The aim of this research is to approach this stage of children's learning, their way of acquiring new knowledge and developing reading and writing skills. It was also related to analyze and differentiate the terms and practices of literacy and literacy, to deal with the methods used that change throughout history according to the socioeconomic and cultural context, and thus contribute to our future teaching practice. We used the exploratory method of qualitative study, based on bibliographic research, with readings in books, magazines and articles, of all the knowledge coming from great writers and educators such as Magda Soares and Emilia Ferreiro. Thus, it appears that the theme is fundamental for all education professionals, in the same way that the literacy and literacy process is essential for all other stages of learning and full human development.

Keywords: Literacy. literacy. Kid.

## 1 INTRODUÇÃO

A Alfabetização e o Letramento são a base para a vida acadêmica, sendo de total relevância compreender a criança no processo de alfabetização e letramento, sua aprendizagem e tudo que envolve essa fase de desenvolvimento.

O objetivo desta pesquisa é analisar a alfabetização e letramento, refletindo sobre os elementos da prática pedagógica e a forma de aprender das crianças. Também se almeja identificar as metodologias de ensino utilizadas atualmente e como são desenvolvidas as habilidades de leitura e escrita.

Este tema foi escolhido para estudo por ser um dos grandes desafios educacionais vigentes na educação básica. Esta etapa inicial, da educação básica, no que se refere aos anos iniciais, em que as crianças estão imersas em novidades precisa ser planejada com objetivos claros e bem definidos pelos educandos, uma vez que as crianças precisam ser ensinadas com muito entusiasmo, sensibilidade, ludicidade, afetividade, dinamismo e sabedoria, com metodologias de ensino que sejam significativas e eficazes.

O que se sabe é que nos últimos anos há um forte envolvimento de todos que fazem parte da educação para efetivar o que a legislação e as diretrizes estabelecem a cerca da alfabetização, até mesmo no sentido de que a mesma ocorra na idade certa, que segundo os documentos atuais seria até os oito anos de idade. Porém, muitas são as dificuldades no contexto atual das escolas e também na realidade das famílias, podendo prejudicar o desenvolvimento das habilidades e a aprendizagem.

Assim, neste estudo, foi utilizado a metodologia exploratória, com pesquisa bibliográfica, abordando a temática de forma qualitativa, com leitura de livros, textos, artigos e outros documentos norteadores da educação.

Deste modo, este estudo aborda e analisa alguns outros textos e pesquisas relevantes sobre a criança no processo de alfabetização e letramento, bem como os conceitos de letramento e alfabetização, um pouco sobre a criança e suas formas de aprender, os métodos de ensino da leitura e da escrita. Posteriormente, finalizamos este trabalho com as considerações finais.

## 2 A CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Compreende-se que as fases do desenvolvimento infantil estão condicionalmente ligadas ao processo de alfabetização, mesmo com as mais diferentes teorias a esse respeito, todos os estudos mostram que a criança precisa estar preparada para iniciar o processo cognitivo e linguístico de aquisição do sistema da escrita.

Vygotsky (1984) defende que, desde a educação infantil a criança já está em um processo de preparo para a aprendizagem da leitura e escrita, por isso tão importante evidenciar as brincadeiras, o faz de conta, o desenho, os rabiscos, o ouvir histórias e contações, as interpretações sobre as imagens e situações, enfim, tudo colabora para o desenvolvimento da língua escrita.

Lúria (1998) apud Bordignon (2015), em seus estudos, valoriza mais a escrita e destaca a importância de se valorizar as tentativas da escrita da criança, uma vez que esse processo passar por diversas tentativas até se constituir.

Ferreiro e Teberosky (1986) consideram importantes o desenvolvimento da leitura e a evolução da escrita simultaneamente, porém trata a última como menos complexa de que aprender; Ou seja, para estes, ler é muito mais difícil que escrever.

Emilia Ferreiro divide em 5 níveis as fases do desenvolvimento da escrita: a garatuja(uso de grafismos imitando as letras), o pré-silábico (uso de letras

sem considerar o valor sonoro), o silábico (uso de ao menos uma letra para cada sílaba da palavra), o silábico-alfabético (com uso de letras representando sílabas e fonemas) e o alfabético (quando já se compreende cada um dos caracteres da escrita, seus valores sonoros escrevendo e lendo palavras).

Magda Soares em seu livro descreve que, conforme Ferreiro e Teberosky (1996):

[...] o alfabetizando atinge a escrita alfabética quando compreendeu que cada escrita alfabética quando “compreendeu que cada um dos caracteres da escrita [letras] corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever”. (SOARES, 2017, p. 209).

Assim, sabemos que as crianças aprendem muito sobre leitura e escrita fora do contexto escolar, dependendo da cultura familiar e comunitária na qual estão inseridas, porém, se faz necessário ensinar de forma efetiva a ler e a escrever. O simples contato com as letras, a memorização de nomes, marcas e logotipos ou a simples recitação do alfabeto é apenas o início desse processo tão importante que é a alfabetização letrada.

## 2.1 CONCEITOS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

O letramento surgiu como uma concepção diferenciada do termo “alfabetização”. Enquanto na alfabetização considera-se a escrita e leitura por si só, como representação gráfica, o letramento vai além, procurando partir e considerar as vivências do cotidiano do aluno, ou seja, do seu envolvimento em práticas sociais, sua compreensão e visão sobre os assuntos abordados.

Mas não se trata de poder escolher entre alfabetizar ou letrar, nem de se imaginar os processos como sequenciais, onde um prevalece sobre outro ou serve de preparação, mas sim, trata-se de alfabetizar letrando.

A alfabetização na perspectiva do letramento, ou melhor, alfabetizar “letrando” é promover ao aluno o domínio do sistema alfabético, a leitura, produção textual e a interpretação, através de situações que o aproximem ou o insiram em vivências sociais da realidade envolvendo essas práticas.

São dois fenômenos que tem relações estreitas, mas que, ao mesmo tempo, têm especificidades. De certa forma, a alfabetização é um componente do letramento, mas é preciso distinguir claramente o que é alfabetização – a aquisição do sistema de escrita, **a aquisição da tecnologia da escrita** – do

que é letramento – o uso dessa tecnologia, o exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2004, p.7, apud BORGATTO, 2016, p.336, grifo dos autores).

É importante lembrar que alfabetizar e possibilitar a ampliação do letramento às crianças até os 8 anos de idade é um objetivo comum em todas as redes de ensino, orientado pelos documentos norteadores da educação no Brasil. Sendo que, o PNAIC (Brasil, 2015) defende a alfabetização na perspectiva do letramento e considera alfabetizados os alunos ou as crianças que produzem textos de modo autônomo. Ou seja, o sistema de escrita alfabética apenas não é suficiente para considerar o indivíduo alfabetizado. É necessário o domínio do sistema de escrita e o acesso às diferentes formas de linguagens socialmente utilizadas.

## 2.2 A CRIANÇA E SUA FORMA DE APRENDER

Muitas são as discussões sobre a capacidade de ler e escrever ou de falar, alguns comparam, outros divergem, mas o que alguns veem como uma aprendizagem natural, outros afirmam que é uma aprendizagem adquirida. Assim, mais uma vez nos deparamos com muitas opiniões que buscam um confronto e não uma solução para os problemas reais da alfabetização.

Constata-se em muitos estudos que a fala é inata do homem, é um instinto e que naturalmente é adquirida quando a criança é inserida no contexto em que ouve a língua materna. Já a escrita, conforme os autores citados, é uma construção cultural adquirida com o ensino aprendizagem, sejam formais ou não. Assim, precisamos ensinar as crianças a ler e escrever.

Assim, aprender a escrita alfabética é como converter os sons da fala em letras, códigos, inventados pelos homens para utilizar como seu sistema de representação. Deste modo, apesar de alguns condenarem os termos utilizados, podemos dizer o que ato de codificar ou decodificar está intrinsecamente ligado ao ato de ler e escrever.

Também se faz necessário compreender que as fases do desenvolvimento infantil estão condicionalmente ligadas ao processo de alfabetização, mesmo com as mais diferentes teorias a esse respeito, todos os estudos mostram que a criança precisa estar preparada para iniciar o processo cognitivo e linguístico de aquisição do sistema da escrita.

Vygotsky (1979) defende que, desde a educação infantil a criança já está em um processo de preparo para a aprendizagem da leitura e escrita, por isso tão importante evidenciar as brincadeiras, o faz de conta, o desenho, os rabiscos, o ouvir histórias e contações, as interpretações sobre as imagens e situações, enfim, tudo colabora para o desenvolvimento da língua escrita.

Lúria (1998) apud Bordignon (2015), em seus estudos, valoriza mais a escrita e destaca a importância de se valorizar as tentativas da escrita da criança, uma vez que esse processo passar por diversas tentativas até se constituir.

Ferreiro e Teberosky (1986) consideram importantes o desenvolvimento da leitura e a evolução da escrita simultaneamente, porém trata a última como menos complexa de que aprender; Ou seja, para estes, ler é muito mais difícil que escrever.

Vários autores descrevem e propõem uma teoria de desenvolvimento da criança em seu processo de aprendizagem do sistema de escrita, algumas ligadas ao desenvolvimento infantil descrito por Piaget.

Emilia Ferreiro divide em 5 níveis as fases do desenvolvimento da escrita: a garatuja (uso de grafismos imitando as letras), o pré-silábico (uso de letras sem considerar o valor sonoro), o silábico (uso de ao menos uma letra para cada sílaba da palavra), o silábico-alfabético (com uso de letras representando sílabas e fonemas) e o alfabético (quando já se compreende cada um dos caracteres da escrita, seus valores sonoros escrevendo e lendo palavras).

Magda Soares em seu livro descreve que, conforme Ferreiro e Teberosky (1996):

[...] o alfabetizando atinge a escrita alfabética quando compreendeu que cada escrita alfabética quando “compreendeu que cada um dos caracteres da escrita [letras] corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever”. (SOARES, 2017, p. 209).

Assim, sabemos que as crianças aprendem muito sobre leitura e escrita fora do contexto escolar, dependendo da cultura familiar e comunitária na qual estão inseridas, porém, se faz necessário ensinar de forma efetiva a ler e a escrever.

O simples contato com as letras, a memorização de nomes, marcas e logotipos ou a simples recitação do alfabeto é apenas o início desse processo tão importante que é a alfabetização letrada.

A criança deve ser levada a aprender brincando, vivendo plenamente sua infância e não de forma enfadonha, onde os alunos possam ser leitores espontâneos e produtores de seus próprios textos expondo suas ideias e compreensões.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível perceber, o quanto é importante refletir constantemente sobre a prática pedagógica e pensar a criança no processo de alfabetização e letramento. Uma vez que, mesmo a questão dos métodos entre os principais estudiosos não está bem estabelecida ou firmada, faz-se necessário que o professor esteja sensível e perceba o contexto escolar no qual seus alunos estão inseridos e sua motivação para aprender, para que seu planejamento, no que tange a alfabetização seja eficiente.

Para se considerar a criança alfabetizada e letrada, ela precisa muito mais que saber o sistema de escrita alfabética, como também, saber ler e produzir textos de modo autônomo, além de perceber e utilizar essa habilidade em seu dia a dia.

Deste modo, sabendo que as práticas de letramento e os métodos utilizados mudam ao longo da história e de acordo com o contexto socioeconômico e cultural em que se inserem, cabe ao professor estar em constante busca por mais conhecimento e formação de qualidade, que o leve a repensar diariamente sua prática, de acordo com sua realidade e vivências.

### 4 REFERÊNCIAS

BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo. PAIM, Marilane Maria Wolf. **O Processo de Aquisição da Escrita pela Criança: Dialogando com Alexander Romano Novich Lúria**. Paraná: PUC, EDUCERE, 2015.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi et al. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Ática, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa. Gestão Escolar no Ciclo da Alfabetização**. Caderno para gestores. Brasília: MEC, SEB, 2015.



BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

**A criança no ciclo de alfabetização. Caderno 02.** Brasília: MEC, SEB, 2015.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2017.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1984.

## A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA APRENDIZAGEM

Schayne Feler Ribeiro<sup>1</sup>  
Rosana Aparecida Raitz<sup>2</sup>  
Fernanda da Silveira Lisboa<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste trabalho é abordado sobre a Literatura Infantil e fundamental para processo de ensino ajudando o desenvolvimento das crianças. São maneiras de estimular os alunos em vários fatores como a imaginação, a coordenação motora, memória, afetivo a socialização entre as crianças e entre outros. O ensino fica mais prazeroso de estudar a criança tem interesse em aprender assim a desistência e a repetência diminuem relativamente. A Literatura na Educação desenvolve o conhecimento amplo e desenvolve a autonomia das crianças. Os principais objetivos para o desenvolvimento, com literatura infantil ético, estético e intelectual do ser humano adequado à faixa etária da criança matriculada na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Literatura. Educação Infantil. Desenvolvimento.

### ABSTRACT

In this work it is approached about Children's Literature and fundamental to the teaching process helping the development of children. They are ways to stimulate students in various factors such as imagination, motor coordination, memory, affective socialization among children and among others. Teaching becomes more pleasurable to study, the child is interested in learning, so drop-out and repetition decrease relatively. Literature in Education develops broad

<sup>1</sup>Acadêmica: Centro Universitário Unifacvest – E-mail: schaynefeler@gmail.com .

<sup>2</sup>Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Integradas Facvest(2005). Atualmente é Professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Lages e professora tutora no Centro Universitário Unifacvest. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação.

<sup>3</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021). Atualmente atua na função de professora na Prefeitura Municipal de Lages e professora-tutora no Centro Universitário Unifacvest. Tem experiência na área de Educação, com especialização em Educação Especial Inclusiva. No momento cursa a Segunda Licenciatura em Letras- Português.

knowledge and develops children's autonomy. The main objectives for the development, with ethical, aesthetic and intellectual children's literature of the human being suitable for the age group of the child enrolled in Early Childhood Education.

Keywords: Literature. Child education. Development.

## 1 INTRODUÇÃO

Eu abordei a literatura infantil pois é fundamental para o ensino. E tendo como objetivo para o desenvolvimento ético, estético e intelectual do ser humano adequado à faixa etária da criança matriculada na Educação Infantil.

A Literatura Infantil, utilizada de modo adequado, é muito importante na construção do conhecimento do educando, fazendo com que ele desperte para o mundo da leitura não só como um ato de aprendizagem significativa, mas também como uma atividade prazerosa. Além do prazer de entrar em mundo imaginário, a literatura iniciada na infância pode ser a chave para um bom aprendizado escolar tornando uma aula atrativa e prazerosa.

Quando o professor está interessado em promover mudanças poderá usar a literatura infantil como uma ferramenta de ensino, que poderá contribuir com índices de fracasso escolar e evasão escolar. Pois a partir do momento que o aluno se envolve com aprendizado, as chances de ele fracassar ou desistir da escola diminuem consideravelmente. As aulas acaba sendo um atrativo e prazeroso de aprender.

A literatura é uma forma de comunicação e expressão muito importante, e usado pelos educadores como uma forma de desenvolver interesse dos alunos em sala de aula.

O objetivo dessa metodologia de ensino é auxiliar a criança para obter melhor desempenho na aprendizagem através de expressão espontânea divertida e recreativa e assim preparando a criança para conviver na sociedade. Será abordado no trabalho a 2 a história da literatura infantil 2.1 literaturas infantil no Brasil. 2.2 a importância da literatura infantil. Os seus caminhos para formação de leitores de mundo na Educação Infantil.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

### 2.1 A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil desde o século XVII até os dias contemporâneos, escritores trouxeram contribuições relevantes em suas obras, como um novo modelo de literatura para o público infantil e apontando a literatura como facilitadora no processo de formação de leitores.

“O surgimento dos Contos de Fadas (*Conte de Fee*, em francês), pelo escritor francês Charles Perrault, edições de narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, governantas e serventes para que elas se adequassem à audiência da corte do Rei Luiz XIV (1638– 1715). Surgiu para transmitir conhecimento e valores culturais de geração para geração, influenciado pelo folclore, considerado o principal elemento da Literatura Infantil.[...]” (FARIAS, 2012. p. 13).

O autor Perrault e o responsável em estabelecer metodologias novas para um novo modelo literário, foi o primeiro a dar aperfeiçoamento a esse tipo de Literatura. Algumas obras, Chapeuzinho Vermelho, a Bela Adormecida, o Gato de Botas, Cinderela, e o Pequeno Polegar.

O francês François Fénelon, contemporâneo de Perrault. Fénelon, escolhido para o honroso cargo de preceptor do jovem duque de Borgonha, herdeiro presuntivo da coroa, dedicou-se a trabalhar no sentido de corrigir o comportamento do príncipe por meio de fábulas, que ele próprio ia escrevendo. Antes disso, a pedido da duquesa de Beauviller, escreveu. De *L'éducation des filles* («Da educação das meninas»), primeira obra significativa em sua carreira de escritor e educador. O livro usado para orientar a duquesa na educação de suas filhas, alcançou grande sucesso, tornando-se obra de referência para as famílias da época, bem como texto de consulta para os estudiosos da pedagogia.

Os textos de Fénelon transmitiam apenas valores de caráter educacional por isso, foram adaptados a fim de atender à educação dos pequenos leitores. A percepção lúdica da leitura considerada tão importante para o desenvolvimento da criança não se fazia presente nessas obras, e a literatura direcionada para o público infantil e adulto era exatamente a mesma. Esses dois universos diferentes, porém, considerados tão iguais não eram distinguidos pela faixa etária ou por etapas de maturação psicológica. Assim, a mudança desse paradigma resultou em alterações significativas no relacionamento criança-adulto, proporcionando bons resultados para o seu desenvolvimento emocional e afetivo. Nessa época, percebeu-se que a criança da classe popular não tinha acesso à escrita e a leitura propriamente dita, enquanto a criança

pertencente às altas classes aproveitava os grandes clássicos da literatura daquele momento.

Entre 1835 e 1842, Andersen lançou seis volumes de contos infantis, traduzidos para diversos idiomas. Ele continuou escrevendo seus contos infantis até 1872, chegando à marca de 156 histórias. No começo, escrevia contos baseados na tradição popular, especialmente no que ele ouvia durante a infância, mas depois desenvolveu histórias no mundo das fadas ou que traziam elementos da natureza. Entre suas obras, destacam-se “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Pequena Sereia”, “A Roupa Nova do Rei”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, e “A Rainha da Neve”.

Nesse mesmo século, Luis Jacob e Guilherme Carlos Grimm trazem um novo estilo para a literatura, sob o signo do romantismo. Surgiu assim, uma literatura capaz de encantar o público infantil de todo o mundo através de lendas e do folclore, utilizando a singeleza e personagens populares, como alfaiates, camponeses, entre outros, com a frequente presença de personagens mágicas. Esses autores se dedicaram à criação de várias fábulas infantis. 1812 editam a coleção de contos de fada, entre eles “A Gata Borralheira”, “Branca de Neve”, e “João e Maria”, que se transforma de certo modo, em sinônimo de literatura para crianças.

Conforme Carvalho (1982, p. 32) “A literatura infantil desenvolve nas crianças senso crítico, despertando, nesse caminho, para uma aprendizagem mais lúdica e prazerosa”.

## 2.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

As primeiras manifestações da literatura infantil brasileira foram com Monteiro Lobato incorporou temas do folclore em suas obras, influenciando diversos autores, a partir da década de 1970, um novo modelo de literatura infantil, levantando temas e problemas da sociedade brasileira, utilizando, uma linguagem inovadora e poética, com enfoque ao humor, o imaginário, possibilitando assim, que a criança leitora se tornasse mais reflexiva e participativa. Lobato acreditava na capacidade dos pequenos leitores em adquirir consciência crítica baseada na simplicidade das palavras que eram compreendidas com facilidade pelas crianças.

“A revalorização da cultura popular foi retomada na década de 1970 e a partir desse acontecimento surgiram grandes autores que procuravam introduzir em suas obras valores conduzidos por Monteiro Lobato para o melhoramento da Literatura Infantil[...]”. (BORDINI, 1998, p.21).

A menina do nariz arrebitado se tornou um marco na Literatura Infantil nacional, Lobato utilizou em suas narrativas a realidade comum e familiar da criança nas histórias, além de ter rompido o vínculo com o padrão culto, introduzindo a oralidade tanto na fala das personagens como no discurso do narrador, com uma linguagem mais próxima a das crianças, o que possibilitou mais emoção durante a leitura e a escuta dessas histórias.

“Com a publicação de A menina do narizinho arrebitado, em 1921, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada especialmente às crianças e jovens [...]” (SANDRONI, 1998, p. 13).

## 2.3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

Com o avanço da escolarização nos anos 1980, os livros para crianças, por essa época, tiveram uma valorização crescente, e uma série de cuidados com o conteúdo, e também com os aspectos materiais e ilustrativos, tiveram de ser tomados durante sua elaboração. Livros que contam histórias através da linguagem visual, sem o suporte de textos narrativos ou com o apoio de pequenas falas escritas, são chamados de livros de imagens. Esses livros são ideais para o começo dos trabalhos com a criança pré leitora, os livros de pano, borracha, com texturas diferentes, com gravuras coloridas e atrativas, tendo em vista que a criança nessa fase se motiva, também, pelo tato.

Há prazer de folhear um livro, colorido ou branco e preto [...] livros feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade, são, sobretudo, experiências de olhar, de um olhar múltiplo, pois se vê com o olhar do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens de modo diferente, conforme percebem o mundo. Saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo, a visão. (ABRAMOVICH, 1991, p. 33).

Dessa forma, observam-se pontos importantes que tratam do valor psicológico, pedagógico, estético e emocional do livro, responsáveis em estimular à atenção, visual e o desenvolvimento da capacidade de percepção da criança. Essa estratégia facilita a comunicação entre a criança e a narrativa, pois estimulam à atenção visual do iniciante da leitura, além de ativar a sua potencialidade criadora e enriquecer a sua imaginação. Inicialmente o livro

é só um brinquedo. É na presença do adulto, no momento em o mesmo leva a criança a iniciar seu relacionamento com ele é que a levará a descobrir seu verdadeiro sentido e suas múltiplas possibilidades. A criança através da literatura é desafiada como ser humano a expressar seus pensamentos e opiniões, através da linguagem. Acredita-se que o desenvolvimento cognitivo e lúdico juntamente com a literatura pode ser trabalhado de forma concisa, podendo superar vários bloqueios já existentes, ou que aparecerão no percurso da vida escolar da criança.

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação: desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1990, p. 33).

A fase da primeira infância, que vai dos quinze meses aos dois anos, e a segunda infância, quando a criança está completando os três anos. Na primeira fase, a criança inicia o conhecimento da realidade que a rodeia, estimulada pelos contatos afetivos, momento em que conquista a própria linguagem e nomeia o que está à sua volta. Já na segunda infância, começa a predominar os valores vitais, e sensoriais. É um período egocêntrico e de interesses por jogos e brincadeiras, com um crescente impulso de adaptação ao meio físico e novas formas de comunicação verbal. A literatura é um dos aspectos mais importantes para a criança como ponto de partida para aquisição de conhecimento, meio de comunicação e socialização[...]” (REYES, 2010, p. 41). A Literatura, na Educação Infantil, é capaz de promover o conhecimento de si e do mundo, incentivando a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, objetivos elencados como eixos do currículo nas práticas pedagógicas da Educação Infantil.

O contato da criança com a literatura é essencial para a sua formação como leitor, quanto mais cedo as histórias orais e escritas forem inseridas em seu cotidiano, maiores serão as chances do desenvolvimento do prazer pela leitura. O professor seja o mediador, familiarizando o aluno com o texto literário e sendo uma ponte entre o texto e o leitor que ainda não adquiriu autonomia.

Os livros infantis, a criança primeiro ouve a história contada pelo adulto, relacionando o enredo com as imagens. Após essa etapa, a criança já se sente capaz de recontar a história, guiando-se pelas ilustrações e imitando a fala do adulto, prosseguindo seu desenvolvimento até se apropriar, naturalmente, da linguagem escrita, em um exemplo perfeito da zona de desenvolvimento proximal, definido por Vygotsky. O que a criança é capaz de realizar hoje somente com ajuda, amanhã realizará sozinha ou seja, a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã. (VYGOTSKY, 2000, p.113).

O desejo pela leitura admite-se a gosto por alguma coisa a partir da experimentação, do contato e da relação, assim é com a leitura, com o livro e aprender a gostar a ler, ou seja, a criança necessita deste encontro para realmente sentir-se despertada primeiramente a ouvir para enfim ler. O adulto é o primeiro mediador desse encontro.

A Literatura Infantil também se destaca muito, quando o assunto se refere ao aprendizado propriamente dito, pois sempre traz em seu contexto lições sociais e morais com o intuito de preparar a criança para as diversas situações que a vida venha a proporcionar.

Os textos literários provocam reflexões de natureza cognitiva e afetiva, permitindo ao leitor a entrada em um mundo desconhecido, porém, instigante, que desenvolve o imaginário, e desperta a curiosidade. Considerando, dessa forma, a leitura como uma forma de se perceber o mundo e a realidade que o cerca., a literatura possibilita a formação de cidadãos capazes de entender a realidade social, atuar sobre ela e transformá-la.

Assim, pais e educadores devem servir de estimuladores da criança, apresentando-a diversas possibilidades de conversação e expressões, contribuindo assim, para aquisição da linguagem oral, instrumentalizando-a para, em sequência, ingressar no mundo dos livros, da leitura e da linguagem escrita.

De acordo com Parreiras (2012) a escola deve ser formadora de novos talentos; os educadores devem estimular a leitura com propósitos fundamentados na interpretação e compreensão das histórias infantis. Neste sentido a relação da literatura infantil com a escola é que ambas devem incentivar e fortalecer a formação do indivíduo.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Infantil da escola é proporcionar aos alunos novos conhecimentos, novos desafios e novas maneiras de pensar e viver numa sociedade que cada vez mais está atrelada às novas tecnologias, mas que mesmo há tantas tecnologias digitais, os livros ainda são primordiais para o desenvolvimento dos alunos.

Pela literatura aprendemos a decidir nosso próprio futuro, aprendemos a nos posicionar de forma crítica e reflexiva diante da sociedade.

A construção de um espaço de leitura dentro das salas de aula possibilita aproximar o pré-leitor da literatura infantil como fonte de prazer, permitindo o desenvolvimento do imaginário das crianças através da leitura de imagens, das possibilidades e descobertas oferecidas pelo objeto livro como suporte lúdico, atrativo e criativo.

Diversas propostas de atividades podem ser desenvolvidas em sala de aula, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da oralidade na criança nos momentos em que as mesmas realizam a leitura das imagens. A contação de histórias na Educação Infantil é uma atividade fundamental para a formação dos pré-leitores; com esse procedimento, pode ser aprimorado a escuta, o desenvolvimento cognitivo e imaginário das crianças, além de promover um nível de interação maior com o grupo.

O presente estudo teve como objetivo identificar as principais contribuições da Literatura na Educação Infantil para o desenvolvimento ético, estético e intelectual do ser humano adequado à faixa etária da criança matriculada na Educação Infantil.

Assim, o contato da criança com a literatura é considerado essencial para a sua formação como futuro leitor e quanto mais cedo as histórias orais e escritas forem inseridas em seu cotidiano, maiores serão as chances do desenvolvimento do prazer pela leitura. Cabe às instituições de Educação Infantil promover projetos para estimular à leitura e organizar espaços educativos com a finalidade de criar condições para que as crianças pequenas compreendam desde cedo à importância do hábito de ler e formar crianças leitoras e adultos reflexivos.

### REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosura e Bobices**. Edit. Scipione 2ª Ed. São Paulo 1991.

BORDINI, Maria da Glória. **A literatura infantil nos anos 80**. In: SERRA, Elizabeth D'Ángelo (Org). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas – São Paulo. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

COELHO, Nelly Novaes; **Literatura Infantil: Teoria Análise Didática**. Moderna, 1ª Ed. São Paulo 2000.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

CORSINO, Patrícia. **Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações**. In: BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Coleção Explorando o Ensino; v. 20 Literatura: ensino fundamental. Brasília, DF, 2010.

FONSECA, E. **Interações com olhos de ler**. Apontamentos sobre a leitura para a prática do professor de Educação Infantil. São Paulo. Editora Blucher. 1ª impressão. 2012.

KAERCHER, G. E. P. da S., *et al*. Convivendo com crianças. In: CRAIDY, Carmem M. **O educador de todos os dias: convivendo com crianças de 0 a 6 anos**. Porto SP: Ática, 1992

PARREIRAS, N. **Do ventre ao colo, do som a literatura: livros para bebês e crianças**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

REIS, Adriana. **Educação infantil é prioridade**, 2007. Disponível em: < Arial, sans-serif"><http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/educacao-infantil-prioridade-422791.shtml> >. Acesso em: 18 de maio. 2021.

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

## DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E AGORA?

Arleide Catarina Wolff Camargo<sup>1</sup>

Arlene Aparecida de Arruda<sup>2</sup>

Cassiane Pires Lima<sup>3</sup>

Cristian Roberto Antunes de Oliveira<sup>4</sup>

Fabiana Carbonera Malinverni de Melo<sup>5</sup>

Siomara Catarina Ribeiro Caminha<sup>6</sup>

### RESUMO

O estudo objetiva contextualizar os desafios do letramento e da alfabetização, referindo-se à prática social da leitura e escrita nas práticas pedagógicas pelo viés de um conceito no sentido de se dar conta não apenas da dimensão do processo de apropriação do código da escrita, mas também desse conhecimento na vida dos sujeitos. O letramento passou a ter relevância no meio educacional, a partir da década de 1980. Traduz-se nas ações pedagógicas de reorganização do ensino, na reformulação e ressignificação dos novos modos de ensinar, a cada dia vem ganhando espaço e inúmeras discussões de teóricos, especialistas e de professores alfabetizadores.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Aprendizagem. Letramento. Práticas Pedagógicas. Prática Social.

### ABSTRACT

The study aims to contextualize the challenges of literacy and literacy, referring to the social practice of reading and writing in pedagogical practices through the bias of a concept in the sense of realizing not only the dimension of the process of appropriation of the writing code, but this knowledge in the subjects' lives. Literacy started to have relevance in the educational environment,

<sup>1</sup>Professora Mestra do Curso de Pedagogia na Modalidade/EAD da UNIFACVEST

<sup>2</sup>Professora Mestra do Curso de Pedagogia na Modalidade/EAD da UNIFACVEST

<sup>3</sup>Professora Especialista do Curso de Pedagogia na Modalidade/EAD da UNIFACVEST

<sup>4</sup>Professor Mestre do Curso de Pedagogia na Modalidade/EAD da UNIFACVEST

<sup>5</sup>Professora Mestra do Curso de Pedagogia na Modalidade/EAD da UNIFACVEST

<sup>6</sup>Professora Mestra do Curso de Pedagogia na Modalidade/EAD da UNIFACVEST

from the decade of 1980. It translates into the pedagogical actions of reorganizing teaching, in the reformulation and reframing of new ways of teaching, each day it is gaining space and countless discussions by theorists, specialists and literacy teachers.

**Keywords:** Literacy. Learning. Literacy. Pedagogical practices. Social Practice.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo visa analisar o processo de Alfabetização e Letramento nas práticas pedagógicas sob a luz de referências bibliográficas.

Neste contexto é necessário ir além da simples apropriação do código escrito; é preciso exercer as práticas sociais de leitura e escrita das diferentes esferas da sociedade. Assim, o letramento é a prática social da leitura e da escrita que se une ao conceito de alfabetização no sentido de se dar conta não apenas da dimensão do processo de apropriação do código da escrita, mas das consequências desse conhecimento na vida dos indivíduos.

Apropriar-se dos conceitos de alfabetização e letramento, sem perder de vista a peculiaridade que caracteriza cada um deles, constitui-se num desafio no processo de alfabetização. Eis aqui o objeto de análise do presente estudo.

Os conceitos de alfabetização e letramento impõem ação pedagógica nessa perspectiva, ou seja, a de que a alfabetização é elemento essencial do letramento que orienta o indivíduo para que se aproprie do código escrito, aprenda a ler e escrever e ao mesmo tempo conviva e participe de práticas reais de leitura e escrita.

Trata-se de uma Pesquisa Bibliográfica realizada em livros e artigos que discutem o assunto. A relevância desta abordagem está na construção do conhecimento teórico, base para uma prática pedagógica entendida como social.

Compreender as mudanças de concepções pedagógicas e de aprendizagem no processo de alfabetização permitiu conhecer novas estratégias didáticas e metodológicas para a prática pedagógica e, também por um processo de reflexões e apropriação de conceitos, bem como, fazer a leitura e interpretação do histórico da alfabetização.

É de extrema importância para o/a professor/a que trabalha nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental dominar os conceitos de alfabetização<sup>7</sup> e letra-

<sup>7</sup>Alfabetização está ligada à concepção de escrita como sistema ordenado pelas regras gramaticais.

mento<sup>8</sup> e entender como isso acontece nas atividades em sala de aula na medida em que vão se alfabetizando. São processos que se unem para que os sujeitos sejam capazes de ler, ou seja, decodificar e escrever, e codificar fazendo uso adequado da língua escrita e a ação de ler e escrever permite aos alunos/as o uso e o exercício das práticas sociais, despertando o espírito de participação.

## 2 PERCURSO HISTÓRICO

Estudando a origem da alfabetização é possível constatar que devido às necessidades da comunicação do dia a dia da humanidade é que surgiu a escrita e a leitura, e que ao inventar a escrita, o homem também fez surgir à necessidade de que ela continuasse a ser usada e passada para as novas gerações.

A escrita surgiu na Suméria, um país que existia onde hoje está o Irã e o Iraque, em uma região chamada Mesopotâmia, que quer dizer entre rios Tigre e o Eufrates. Isso foi há muito tempo, há cerca de cinco mil anos. Naquela época, a escrita começou a ser feita em tabletes de barro, ou seja, em pequenas almofadas de barro. Mais tarde, usou-se também madeira, metal e pedra para escrever.

Surgiram outras maneiras de escrever em vários lugares do mundo, de acordo com a língua falada em cada região. Como as línguas eram bem diferentes, surgiram formas de escrever bem variadas. Conforme a história, na China, na América Central e no Egito também foi elaborado um sistema de escrita, mesmo sem saber o que acontecia na Suméria.

Todos os sistemas que apareceram depois vieram de um desses quatro primeiros – da Suméria, da China, da América Central e do Egito. Mas até o alfabeto ser inventado, passaram-se 1800 anos na história da escrita. Antes dele, os acadianos, que substituíram os sumérios na Mesopotâmia, escreviam sílabas.

Para Cagliari (1998), os egípcios escreviam essencialmente as consoantes das palavras. Por exemplo, se fossem escrever bolo, eles colocariam só as letras “BL”. Às vezes, quando a escrita era difícil de ser entendida, eles representavam através de desenhos sobre o que queriam expressar-se. Alguém poderia achar que “BL” queria dizer bala, bela, bola ou bula... Esses desenhos que os egípcios usavam são chamados de hieróglifos. Os povos semitas, que viviam na região entre o Egito e a Mesopotâmia, escreviam suas línguas usando letras da escrita egípcia.

<sup>8</sup>Letramento aparece sempre ligado à compreensão de leitura e escrita como práticas sociais, que privilegia a visão de língua que usamos a todo instante quando nos comunicamos.

Para ter uma escrita com poucas letras, como tinham os acadianos, os semitas improvisaram uma lista de palavras, de forma que todos os sons da língua pudessem ser representados e que os sons não fossem repetidos. Para isso, eles usaram também algumas letras egípcias.

Depois, os gregos usaram o alfabeto semítico e fizeram algumas mudanças para escrever a sua própria língua. Esse processo durou vários séculos.

Os etruscos, que moravam no centro da Itália, aprenderam a escrever com os gregos. Mais tarde, os romanos, que tomaram o lugar deles, adaptaram a escrita etrusca para descrever o latim. Isso se deu mais ou menos há 2800 anos.

Nesse período, o segredo de saber ler estava em conhecer o nome das letras e não mais o que os desenhos significavam. Por isso, os romanos simplificaram os nomes gregos das letras, passando a chamá-las A, BÊ, CE, DÊ... e assim por diante.

No fim da Idade Média, o alfabeto latino começou a ser usado para escrever várias línguas, como o português, o francês, o espanhol e o italiano. Esse alfabeto mostrou-se tão interessante, útil e prático que hoje em dia todas as línguas do mundo podem ser escritas com esse sistema.

Devido a essa necessidade surgiu a alfabetização, ou seja, processo inicial de transmissão de leitura e escrita. Para Cagliari (1998, p. 14) confirma que:

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários.

Essa necessidade de passar o conhecimento da leitura e da escrita de geração a geração, cada vez mais está ganhando importância, porém é muito recente essa conscientização em relação ao processo inicial de transmissão da leitura e escrita, principalmente como forma de evitar o número de insucesso na formação final dos estudantes.

Pensar em alfabetização e letramento é entender historicamente os conceitos que chegam ao Brasil na década de 1980, onde a aprendizagem inicial da leitura e da escrita limitava-se à alfabetização, consistindo no aprendizado do alfabeto e no seu emprego como código de comunicação, de um modo

mais abrangente, a alfabetização era definida como um processo pelo qual o indivíduo decorava regras gramaticais, considerando o sistema convencional da escrita.

Primeiro escrever e ler para só depois fazer uso dele. A questão que então se colocava para alfabetizadores era a escolha de métodos de alfabetização.

Para Soares (1995), os métodos de alfabetização se alternaram ao longo do tempo, com diferentes enfoques metodológicos; ora a opção pelo princípio da síntese, isto é, alfabetizar a partir das unidades menores da língua – dos fonemas, das sílabas – em direção às unidades maiores – à palavra, à frase, ao texto; ora a opção pelo princípio da análise – alfabetizar a partir de análise das unidades maiores e portadoras de sentido: a palavra, a frase, o texto, em direção às unidades menores.

Observa nesse período, que nem sempre o professor desenvolvia competência científica e técnica para decidir qual método a utilizar. Ele, não raro, não conhecia as particularidades do método, a fim de pô-lo em prática com êxito, uma vez que estes demandavam uma sequência de ações. Já em meados dos anos 80, a difusão no Brasil da psicogênese da língua escrita<sup>9</sup> destacando os estudos de Emília Ferreiro salientando a teoria construtivista, indicando possibilidades e novas orientações para a aprendizagem inicial da língua escrita.

A estudiosa sinaliza distinção entre a aprendizagem do sistema de escrita, de um lado, e as práticas reais de leitura e da escrita, de outro, configurando-se em um processo de sentido único, de complementação, de forma que leitura e escrita fossem apresentadas aos alunos/as como processos essenciais.

Para que essa mudança acontecesse, foi indispensável que o professor passasse a considerar os alunos/as que têm em sua sala de aula a sua realidade do cotidiano, as suas características, as competências cognitivas e motoras para iniciar a leitura, os meios e os recursos de que dispõem, antes de escolher o “método adequado”.

A alfabetização passou a assinalar, progressivamente, o processo não apenas de ensinar e aprender as formas de codificação e decodificação, mas também o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais de leitura e da escrita, de forma interativa.

<sup>9</sup>Letramento aparece sempre ligado à compreensão de leitura e escrita como práticas sociais, que privilegia a visão de língua que usamos a todo instante quando nos comunicamos.



A alfabetização é uma tarefa interessante quando há uma discussão ou reflexão no grupo. Crianças (...) que lhes são permitidas e oferecidas experiências educativas onde não lhes obriguem alfabetizar-se mas sim lhes ofereçam estímulos e entre em contato com o mundo da escrita demonstram condições excelentes para frequentarem o ensino fundamental. Para isso o professor deverá liberar a escrita onde descobrirá o quanto as crianças são inteligentes. Com isso o professor perceberá, descobrirá o quanto seu trabalho ficará mais interessante e divertido, apesar de ser mais difícil porque exigirá que pesquise, investigue e pense mais. (FERREIRO E TEBEROSKY, 2000, p.23)

Diante do contexto de tornar o leitor um sujeito capaz de interpretar a sua realidade, surge uma nova designação para o processo de alfabetização: alfabetização funcional, criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e, posteriormente, as discussões sobre o letramento.

Com o surgimento do termo letramento, muitos pesquisadores passam a utilizar as seguintes expressões: alfabetização para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita, da natureza funcional do sistema da escrita, e letramento para usos e competências da língua escrita, como resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, e habilidades em práticas sociais, como forma de interação e socialização dos conhecimentos aprendidos.

Destaca-se o início dos anos 90, as práticas fundamentadas na concepção construtivista, trazendo como questão positiva a aprendizagem significativa e das interações, bem como dos usos sociais da escrita e da leitura, articulados a uma compreensão mais ampla de letramento.

Em contrapartida, nem todos os professores alfabetizadores compreenderam esse novo conceito de letramento, assim, alguns entendimentos acerca da teoria construtivista provocaram distorções e interpretações equivocadas no processo de ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita.

Nas últimas décadas, houve muita reflexão, discussão e também resignificação das práticas tradicionais de alfabetização em práticas pedagógicas diversificadas e significativas. A verdadeira aprendizagem se dá quando o/a aluno/a (re)constrói o conhecimento e forma conceitos consistentes sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade.

Muito se tem discutido sobre a posição do professor no processo de letramento, que tem como princípio analisar o processo de alfabetização e também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral.

Cabe lembrar que a alfabetização de um indivíduo promove sua socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a compreensão das informações oferecidas pelas instituições sociais. É um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

Enfim no processo de alfabetização tanto quanto oportunizar a criança a aprendizagem do significado dos signos oferece a ela condições que permitam que ela perceba que a linguagem escrita está presente no seu dia a dia, e que o domínio da mesma pode facilitar em muito a realização de muitas atividades diárias, bem como, a aquisição de novos conhecimentos.

“Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. (FREIRE, 1987, p.8).

A análise das questões sobre a leitura e a escrita está fundamentalmente ligada à concepção que se tem sobre o que é a linguagem e o que ensinar e aprender. E essas concepções passam, obrigatoriamente, pelos objetivos que se atribui à escola e à escolarização. Há, porém, grandes contradições entre o discurso que se faz sobre a escola e a sua prática na escola.

Alfabetizar, portanto não é forçar as crianças a decorarem sílabas, mas sim, fazer com que as crianças gostem de leitura e passem a elaborar seus textos espontaneamente por prazer, criticidade e criatividade em diversas situações.

Se para Paulo Freire (1987) “a palavra humaniza, liberta e conscientiza o homem”, a alfabetização não pode ser vista como mera codificação e decodificação de língua, isto quer dizer que, na alfabetização a aquisição da palavra escrita representa a ação e a manifestação concreta do cotidiano da criança em permanente diálogo com os outros e sua realidade social.

A prática tem mostrado que as crianças aprendem muito mais construindo do que quando repetem atividades. Sendo assim:

As metodologias tradicionais não admitem que a criança possa escrever palavras que nunca tenham copiado antes. A metodologia tradicional penaliza o “erro” onde supõe que somente na reprodução correta sem que não haja a tentativa de produzir a escrita. Por isso é inevitável a inibição quando tentam ler e escrever, por isso não aprendem. (FERREIRO, 2000, p.83).

A aquisição da escrita não se dá naturalmente ou espontaneamente. Nem o professor deve ser um passivo expectador em que a criança aprenda sozinha.

Deve-se ter clareza que é um processo difícil, que exige muito a informação social com períodos precisos de organização. A construção da escrita apresenta desafios intelectuais que as crianças terão que resolver.

Com a língua oral, não é possível aprender um fonema, uma sílaba, e nem uma palavra por vez. Na produção da escrita, as palavras são aprendidas, desaprendidas, definidas e redefinidas continuamente. Não se dá pelo processo de unidade por unidade, mas ocorre através de uma organização, desestruturação e reestruturação contínua. As crianças sistematizam o que aprendem, reestruturam as descobertas da experiência anterior. Desmotivam-se quando a impedem de organizar todas as informações do processo na construção da escrita (FERREIRO, 2000, p.86).

As crianças estão inseridas na sociedade grafocêntrica, ou seja, veem objetos reais, representações e signos diversos. A primeira diferenciação que estabelecerão refere-se a distinção entre o desenho, e outros signos, como letras, números, grafias diversas. Ao ingressar na escola grande parte das crianças já estabelecem a diferença entre desenhar.

Os primeiros rabiscos na era primitiva ou pseudoletas, foram os primeiros ensaios infantis de escrever, produzindo alguns signos que já não são desenhos, mas tampouco letras convencionais. São grafias que tentam se parecer com as letras, com maior ou menor sucesso.

Desse ponto de vista, a criança logo observará que existem tipos de signos gráficos, além dos desenhos que são letras e números, então a criança já sabe que para escrever são necessários determinados signos, que não são desenhos nem números.

Essas ideias podem referir-se a forma das letras mais ou menos convencionais ao alinhamento horizontal do que esse escreve ou ainda a orientação esquerda/direita, aspectos convencionais da escrita que vão sendo adquiridos ao escrever paralelamente à aprendizagem da escrita.

Quando as crianças já sabem que para escrever se usam signos especiais, propõem-se o problema de como podem escrever diferentes coisas, em algumas crianças nem todas, aparece um momento evolutivo em que as escritas ocupam toda a largura da página, ou seja, a escrita sem controle de quantidade.

Com a escrita fixa, a criança já pode escrever qualquer coisa, ou seja, representar mediante signos específicos os nomes das coisas, das pessoas, etc. Trata-se de uma autêntica escrita, podendo ser que a criança ainda não tenha

percebido a diferenciação que os adultos fazem entre as palavras, ou seja, escrevem o mesmo conjunto de signos para qualquer coisa.

Baseando-se também em Ferreiro (2000), algumas crianças utilizam seu próprio nome para tudo, uma forma de senha universal, que serve para escrever qualquer coisa imaginável. As crianças adquirem rapidamente novas diferenciações quanto a escrita. Escrevem palavras longas e curtas, grandes e pequenas. Assim, podem escrever partindo da ideia de que o número de letras de uma palavra ou o tamanho das letras tem relação com o objeto que representa. Ou que para escrever o plural, utilizam o recurso de repetir a palavra tantas vezes quanto o número de objetos ao qual o plural se refere.

Podem ainda sinalizar mudanças ao escrever diferentes palavras mediante a variação do repertório de letras utilizadas ou introduzindo mudanças e diferenciações quanto a ordem ou quantidade das letras de cada palavra. É na escrita dos nomes que nota-se claramente.

O/a professor/a precisa rever a atitude com relação ao erro ortográfico. A forma correta de se escrever uma palavra é sempre uma convenção, algo definido socialmente. Houve várias reformas ortográficas e a ortografia por ser uma convenção social, ajuda a estabelecer a comunicação escrita.

As pessoas às vezes pensam que se trata de uma imposição inútil, que tudo seria mais fácil se pudéssemos escrever uma palavra tal como as falamos. Na linguagem oral, as palavras são pronunciadas de formas variadas, a pronúncia varia de acordo com a região, com o grupo sociocultural, e varia de época para época. Todas essas formas de pronúncia são válidas, por isso não podem ser considerados certos ou errados. Pode-se pensar e ver se são adequadas ao contexto em que são empregadas. Não existe uma só forma de pronúncia correta, assim como não existem argumentos científicos que assegurem que a pronúncia de tal região é a melhor do Brasil (SOARES, 2001, p.45).

Fazer o uso da leitura e da escrita permite aprender a ler e escrever, momento em que promove a inclusão do sujeito sob os aspectos do convívio social, cultural, cognitivo e linguístico.

Assim, se faz necessário resgatar a significação verdadeira da alfabetização e delinear corretamente o conceito de letramento, de forma que eles não se fundam e nem se confundam, apesar de, como já foi dito, necessitem acontecer de maneira inter-relacionada. Com uma prática educativa que faça uma aliança entre alfabetização e letramento, sem perder a especificidade de cada um dos processos, sempre fazendo relação entre conteúdo e prática e

que, fundamentalmente, tenha por objetivo a melhor formação do/a aluno/a.

O/a professor/a alfabetizador/a deve também utilizar, criar estratégias de ensino de acordo com as características de seus alunos/as, sem esquecer que a educação é um ato político e deve romper com as situações de opressão que muitas vezes os sujeitos sofrem e nem a percebem.

Dessa maneira não acontece o ato de ensinar enquanto entendida como prática social, isto é, a capacidade da criança ser alfabetizada e letrada ao mesmo tempo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, reconhecendo que a educação brasileira passa ainda pelas inquietudes da alfabetização e letramento, principalmente após os anos oitenta é relevante a necessidade de novos olhares e práticas pedagógicas transformadoras que se efetivem na sala de aula e também fora dela que mediem o processo, E AGORA?

Os/as professores/as alfabetizadores/as precisam estar habilitados, serem competentes, criativos e problematizadores de suas práticas, estar cientes de sua responsabilidade na formação dos sujeitos como intelectuais e cidadãos comprometidos com a transformação social.

Essencial, também, que haja discussões sobre o tema alfabetização e letramento nos cursos de formação de docentes e nos cursos de formação continuada, de modo que provoquem reflexões sobre o tema e a prática docente, buscando soluções para problemas específicos da alfabetização e procurando desenvolver os profissionais e as instituições de ensino para que a educação tenha cada vez mais qualidade e significado.

Acredita-se que é possível, sim, atingir a qualidade na educação das classes de alfabetização, com práticas educacionais que utilizem diferentes metodologias, que proporcionem tanto o desenvolvimento da alfabetização, quanto o desenvolvimento do letramento de cada sujeito, através do qual ele possa ser autor de sua vida e de transformações.

Ainda com base nos desafios pedagógicos fica a certeza de que o processo de alfabetização vai muito além de decodificar símbolos, signos, ele envolve a história de vida, a história social, a visão de mundo.

Alfabetizar carrega um sentido muito maior que deve ser levado em conta para então extrapolar a fragmentação, a cultura de decorar e tornar-se um saber isolado. A alfabetização, logo, é elemento efetivo do letramento, pois

orienta o indivíduo para apropriar-se do código escrito sem o qual seria impossível aprender a ler e escrever e, ao mesmo tempo conviver e participar de práticas reais de leitura e escrita.

### REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu**: Pensamento e Ação no Magistério. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. São Paulo. Artes Médicas, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 20. ed., São Paulo: Cortez, 1987.

HISTÓRIA DO MUNDO. **Mesopotâmia e os povos mesopotâmicos**. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-antiga/mesopotamia.htm>> Acesso em: 20 de julho de 2020.

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Letramento, um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



## O CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPO DE PANDEMIA

Liziane Aparecida Kracik<sup>1</sup>  
 Evani Maria Barbosa<sup>2</sup>  
 Fabiana Soares<sup>3</sup>  
 Felipe Tanikawa Rocha<sup>4</sup>  
 Keli Almeida Bortoli Paz<sup>5</sup>  
 Marcel Oliveira De Souza<sup>6</sup>  
 Nanci Alves Da Rosa<sup>7</sup>  
 Rejane Dutra Bergamaschi<sup>8</sup>

<sup>1</sup>Prof. de Ens.Superior na Área de Pesq. Ed., Magistério, Pedagoga em educação Especial, Pedagogia; Licenciada em Letras e Libras Uniasselvi – Lages Esp. Práticas Pedagógicas Interdisciplinares em Educação Especial e Práticas Interdisciplinares- Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco – Campus Cornélio Procópio PR; Esp. em Educação Infantil – Anos Iniciais e Psicopedagogia – Votuporanga

<sup>2</sup>Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991), Especialização em Ensino- Arte e Cultura pela ECA- Universidade de São Paulo e Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2004). Atualmente é consultora - Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e professora titular da disciplina de Cultura Visual da Escola Autonomia Ltda para o Ensino Ensino Médio. Atualmente desenvolve seu projeto de doutorado no EGC- UFSC em Designer Thinking.

<sup>3</sup>Doutorado em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2020). Atualmente é professora da Escola Estadual de Ensino Básico José Fernandes de Oliveira e horista na Unifacvest, onde também atua como docente no mestrado profissional em Práticas Transculturais.

<sup>4</sup>Mestre em Letras, Práticas Transculturais. Especialista em Radioterapia pela Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Radiologia pela Universidade Anhanguera. Possui formação superior em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Anhembi Morumbi, licenciatura em Letras pela Universidade Estácio de Sá. Atualmente, atua como professor de Ensino Superior na área da Saúde e Tecnólogo em Radiologia, realizando supervisão de estágios curriculares obrigatórios e como professor-tutor no EAD do Centro Universitário Unifacvest.

<sup>5</sup>Possui graduação em pela Universidade Norte do Paraná (2010) e mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (2012).

<sup>6</sup>Historiador. Professor da Universidade do Vale do Itajaí. Líder do Grupo de Pesquisa em História e Política da Universidade do Vale do Itajaí. Doutor em Artes (2016) pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Comunicação e de Artes da Universidade de São Paulo. Mestre em Música (2012) pelo Programa de Pós-graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>7</sup>Mestrado Acadêmico em Educação pelo Programa de Pós-Graduação PPGE-UNIPLAC (2016). Tem Especialização Latus Senso em Educação das Relações Étnico-Raciais e Multiculturalismo- UNIPLAC (2010) e Especialização em Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos- FURB (2004). Formada em Educação Artística-Habilitação em Artes Plásticas- UNOESC (2001). Leciona Artes na Rede Pública Estadual de Ensino de SC (1999), tem atuado como professora de História da Arte e pesquisadora em relações étnico raciais na Universidade do Planalto Catarinense- Uniplac (2003) e como tutora EAD da Unifacvest (2020) em Lages.

<sup>8</sup>Mestre em Ambiente e Saúde pela Universidade do Planalto Catarinense.

## RESUMO

A forma prática de estimular uma criança a desenvolver de forma criativa suas ideias, na formação de seu intelecto, superar obstáculos é com a contação de histórias e contos infantis de forma lúdica. objetivo é estimular e despertar, nas crianças por meio da contação de histórias, o interesse pela leitura, pela escrita a fim de promover a imaginação, a criatividade, a interpretação de imagens e a oralidade. Histórias que envolvam o raciocínio lógico e criativo atraem a criança para um mundo novo aguçando sua curiosidade através da leitura, e para isso acontecer, deve-se estimular a criança com literatura infantil que venha ao encontro seu interesse. O estímulo da leitura trás oportunidades ímpares para o desenvolvimento da criatividade da criança mantendo a mesma em contato com o mundo da fantasia, livre de preconceitos e em contato com sentimentos puros que só uma criança tem. A intenção deste trabalho final de curso é mostrar a importância das histórias e contos em todo processo de desenvolvimento da criança. Para expor a ideia deste artigo seguirei a linha traçada por autores que em seus estudos publicados em comum seja o desenvolvimento da criança através das histórias e contos infantis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estímulo. Criança. História.

## ABSTRACT

The practical way to encourage a child to creatively develop their ideas, in the formation of the intellect, overcome obstacles is with the telling of children's stories and tales in a playful way. The objective is to stimulate and awaken, through storytelling, the interest in reading and writing in children in order to promote imagination, creativity, image interpretation and orality. Stories that involve logical and creative reasoning attract children to a new world, sharpening their curiosity through reading, and for that to happen, children should be encouraged with children's literature that meets their interest. The stimulation of reading brings unique opportunities for the development of children's creativity, keeping them in contact with the fantasy world, free from prejudice and in contact with pure feelings that only a child has. The intention of this final course work is to show the importance of stories and tales in every child's development process. To expose the idea of this article, I will follow the line traced by authors who in their studies published in common is the child's development through children's stories and tales.

**Key words:** Stimulus. Kid. History.



## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo destaca a importância da literatura na vida estudantil da criança principalmente nas primeiras semanas na escola, o que seria mais conveniente que os pais, antes da escola efetuassem uma introdução de contos infantis a criança para a mesma já esteja familiarizada a tal conhecimento, assim o despertar pelo gosto da leitura na criança vem de casa, deixando a carga da escola e professores somente o aperfeiçoamento da técnica de leitura e interpretação das histórias e contos.

Com o passar dos anos a educação ainda não perdeu seu sentido na vida das crianças, sentido esse é dar um significado a vida, mostrando o caminho para ser percorrido e ajudando a superar os obstáculos que porventura venha encontrar nesta odisséia de busca aos novos conhecimentos e para isso nada melhor que a utilização de contos e histórias para iniciar a busca por soluções sem intimidar ou criar traumas futuros na criança.

A literatura infantil bem trabalha em formatos de histórias e contos desenvolvem na criança o interesse a leitura, transformando assim novos leitores assíduos, leitura esta que é primordial para o desenvolvimento da criança nos anos iniciais de sua vida escolar.

Uma das formas de desenvolver a criatividade das crianças é entrando no mundo da fantasia sendo seu ápice na hora do conto onde ele desenvolve sua mente criativa deixando livre para que ela narre e possa expressar todos seus sentimentos sem se sentir preso a qualquer tipo de preconceito e regras.

As necessidades do mundo moderno através do mercado consumista atraem os pais para o mercado de trabalho cada vez mais cedo, com a finalidade é obter o conforto para a família deixando de lado a família tradicional onde somente o pai proveria o sustendo da mesma.

Com o ingresso das mães ao mercado de trabalho, a chegada das crianças no âmbito escolar tende a ser cada vez mais cedo, e com isso o seu desenvolvimento em creches e pré-escola é fundamental para o seu ingresso com maior desenvoltura na idade escolarização fundamental.

Com a instituição da Lei 9394/96 a LDB vem de encontro total ao desenvolvimento intelectual e cultural das crianças, deixando livres os profissionais da educação infantil a utilização de contos e história para a educação das crianças em berçários e creches, assim estimulados o profissional na educação desenvolve seu trabalho como educador e não como meros cuidador de crianças.

## 2. A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA INFANTIL PARA A CRIANÇA

A fundamentação teórica utilizada neste artigo vem de acordo com os pensamentos dos autores Fanny Abramovich com sua obra *Gostosuras e Bobices*, Olivério Aragão com o seu trabalho em *Literatura Infantil Teoria e Prática*, Regina Zilberman e sua publicação, *A fundação da Literatura Brasileira*.

Seguindo esses autores e obras anteriormente citados deste, a obra *Criança e Literatura* de Teresa Casasanta expressa em poucas palavras a importância do conto e história no desenvolvimento das crianças.

(...) as crianças agem, pensam, sentem, sofrem, alegram-se, como se fosse elas próprias os personagens, a história assim vivida pode provocar-lhes sentimentos novos e aperfeiçoar outros, por isso é que as histórias não devem ser deprimentes, o final deve ser feliz para transmitir aos ouvintes uma emoção sadia (CASASANTA 1984, p 18).

Nesta pequena citação pode-se observar como a escolha de uma boa história, pode ser o divisor de uma boa aula com a atenção total de seus alunos, participando e interagindo com o decorrer da história ou de uma aula dispersa com os alunos fora do contexto principalmente da história, por isso a importância a importância da escolha de uma história criativa, rica em detalhes e nada mais justos em ouvir os conselhos destes renomados autores.

### 2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL

A convenção da ONU de 1989 vem ratificar o conceito de criança e pautar o direito de sujeito como criança diferenciando o sujeito adulto, já que esse conceito foi levantado por Áries (1981) onde foi levantada a primeira concepção de sentimento da infância.

Com a necessidade de regulamentar e garantir a educação a todas as crianças independentemente de sua classe econômica ou religiosa, foi instituída a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) Lei essa que leva o número 9394/96, e essa garante o pleno acesso a uma educação de qualidade.

Em seus Art. 4º a LDB 9394/96 deixa estipulado o direito da criança a educação infantil e o dever o estado como educador e zelador da qualidade para o ensino. O inciso IV estabelece em instituições do estado (...) "atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade." (LDB 9394/96).

A infância vista sobre novos pontos tem como objetivo a necessidade imediata de mudanças das instituições de ensino para atender esse novo público mais exigente atualizando sempre o novo de ensinar e aprender.

Este novo modo de ensinar deixa como consequência uma criança mais investidora, autônoma e expressiva, que tem direito, sobretudo, a brincar, a estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, a utilizar diferentes linguagens, expressando sentimento, pensamentos, desejos e necessidades, exige uma prática que contemple esse estatuto. Com um cuidado na supervisão interdisciplinar e na construção de uma infância e a Educação Infantil, a partir de interlocução entre os campos do conhecimento psicologia, das ciências humanas, pedagogia para dar conta dessa tarefa.

A prática social nas diferentes instituições não é só lugar de aprendizagem, mas também de gênese das funções psicológicas. A participação e o envolvimento com outras crianças desperta a vontade de compreender o que se passa ao seu redor, fazendo assim com que desperte a curiosidade e aguçando suas habilidades a ponto de domina com destreza, mesmo que não elabora ou não apreenda conceitualmente o conceito do outro, e na margem dessa palavra que passa a organizar seu processo de elaboração mental, seja para assimilá-lo ou recusá-lo.

A partir de seu nascimento a criança já se encontra em um grupo social, frequentado por seus pais e esses se tornam mediadores para a inserção da mesma neste sistema, repassando seus conhecimentos e vivências de forma prática para facilitar o aceite da criança ao grupo e não ao grupo a criança.

A formação de conceitos depende fundamentalmente das possibilidades que os indivíduos têm ou não, nas suas interações, de se apropriarem e objetivarem os conteúdos e formas de organização e elaboração do conhecimento historicamente desenvolvido. (FONTANA, 2005, p 14)

Cabe ao professor se tornar o elo forte na relação entre a criança e o mundo social, e gradativamente a criança vai tornando independente e as tomadas de decisões relativas a acertos e erros vão fazer parte de sua rotina, ficando a literatura infantil com um papel importante nesta construção.

## 2.2 LENDAS

As lendas também são narrativas que podem supor uma ideia verdadeira ou falsa tanto que o real e a fantasia se confundem.

Normalmente, os heróis lendários são frutos da imaginação de um povo. Fazem parte do nosso mundo e nossa história. As lendas sobrevivem para haver uma possibilidade das coisas serem diferentes.

Uma das tradicionais formas de transmissão de conhecimento é o folclore aonde sua raiz vem do século XIII na Itália, esta forma popular vem atravessando séculos na passagem de conhecimentos que atravessa gerações. Costumes como as danças, as músicas, as comidas, enfim, tudo o que perpassa a vida de ser humano pode ser folclore e pode ser transmitido pela literatura, lembrando que cada região tem sua cultura e assim seu folclore.

Com a utilização de músicas, versos ou prosas, ou seja, elementos de cada região torna a valorização da cultura local e esse material é rico para trabalhar com as crianças nas escolas. O folclore não escolhe nenhum ramo de atividade, mas o espírito todo, na sua forma rudimentar.

Os grandes fabulistas, como Esopo (1654) e La Fontaine (1668), nos deixaram riquezas incríveis, como o grande objetivo de fazer crítica, de uma forma disfarçada, aos governadores. Portanto, fabula é uma narrativa em que os protagonistas são animais e sempre encerra uma lição de moral, são os animais símbolos da má conduta humana. Trabalhar a poesia na sala de aula é trazer o lúdico, a espontaneidade, é aproveitar a experiência das crianças, transformando-as em expressão de beleza que fala de emoção, contemplação, nos transportando para um mundo mágico das palavras.

A primeira manifestação da literatura é com certeza a poesia, através de seus versos apaixonados e criativos para expressar o amor a sua amada. “E isso é a prova de que o homem só se encontra pela expressão afetiva, sensibilidade, que o revela e o conduz a seu semelhante, aos seres, as coisas, a natureza, enfim, ao universo em toda sua grandeza”. (CARVALHO, 1985, p.127- 128).

A poesia é uma maneira de trabalhar a literatura infantil combinando a fantasia com a razão, ou seja, a fantasia com a liberdade, levando a criança a revelar o seu poético. Toda criança é um poeta que constrói o seu mundo interior, fazendo o jogo da sua realidade, como o poeta o faz.

Alguns aspectos precisam ser observados na seleção dos livros apresentados as crianças, os livros devem estar de acordo com o interesse das crianças.

Para as crianças menores, é importante proporcionar a ela um local arejado com muitas cores e livros diversificados mesmo que estas crianças não saibam ler, o objetivo inicial é chamar a atenção e aguçar a curiosidade para o novo e deixando a criança viajar em sua criatividade através do seu pensamento.

E quando a criança for manusear o livro sozinho que o folheie bem folheado, que olhe tanto quanto queira que explore sua forma, que se delicie em retirá-lo da estante encontrando-o sozinho (em sua casa ou na escola) que vire a página por página ou que pule algumas até encontrar aquele momento especial que estava buscando. (mesmo que ainda não saiba ler, ela o encontrará e fácil). (ABRAMOVICH, 1994, p.22).

Barbara Vasconcelos Carvalho em sua obra *Literatura infantil Estudos* aponta os percursos das crianças se dividindo em três fases.

“A primeira fase dos 4 aos 7 anos. É a fase da fabulação ou imaginismo, onde tudo é imaginação, e a fase dos contos de fadas, onde animais falam, os brinquedos viram seres animados e é onde a criança faz fatos da vida real virarem fantasia. Nesta fase a representatividade supera o crítico e o real, quanto mais fantástico mais do seu agrado, as bruxas, os gigantes, os seres pequeninos [...] constituem imenso prazer a criança, ela também aprecia as histórias tristes, o drama, o sofrimento do personagem, o porquê está sofrendo se é pela perda de algo ou de alguém.

Uma segunda fase varia dos 8 aos 11 anos, é a fase onde a criança já domina bem a leitura, embora os contos de fadas ainda agradem, o que geralmente predomina são as histórias de grandes aventuras policiais, cheias de perigos, suspense e muita ação, essa fase é chamada socialização ou racional.

A terceira fase, diz respeito a idade entre 12 aos 15 anos, é a fase do realismo, a criança sente-se atraída por histórias mais longas e numerosas.” (CARVALHO 1985, p. 152),

Enquanto adultos, muitas vezes, tem-se a tendência de ficar controlando as ações dos pequenos quer seja na escola, como na família, exemplo disso, é quando a criança vai pegar um livro, a primeira coisa que o adulto faz é ir logo avisando:” cuidado para não rasgá-lo”, “não suje” ou ainda “guarde no mesmo lugar onde estava”, esquecendo-se as vezes do principal e mais importante detalhe que é o interesse da criança em ir buscar, em se interessar pelo livro e pela história.

Com todas essas recomendações, que muitas vezes o adulto acaba por limitar a livre escolha da criança pelo seu livro, com essas atitudes certamente a criança perderá o desinteresse e com certeza a consequência é a de estimulação das crianças a lerem, pois nem sequer permite-se que elas escolham e manuseiem os livros.

Na contramão da aos parágrafos anteriores as empresas de literatura estimulam a leitura através de livros com uma roupagem atraente para despertar o interesse e motivar a criança pela leitura, a capa, as letras, o colorido, o tipo de papel, de tamanho, as ilustrações e desenhos, tudo isso influencia na escolha do livro pela criança, muitas vezes um pequeno detalhe é o que mais lhe chamou a atenção. É necessário que a criança olhe, folheie e manuseie o livro que aguça ainda mais sua curiosidade ao ponto de levar o livro a sua rotina de leitura.

A criança normalmente prefere que o livro faça descrições bem detalhadas com cores, caçadas, ruídos, viagens a lugares bem explorados, com bastante colorido e emoção e assim uma história deve ser contada emocionalmente e não simplesmente apresentada em seu enredo, contar uma história é fazer a criança sentir-se identificada com as personagens, é trazer todo o enredo à presença do ouvinte e fazer com que ele incorpore a trama da história como parte dela.

As crianças agem, pensam, sentem, sofrem, alegram-se, como se fosse elas próprias os personagens, a história assim vivida pode provocar-lhes sentimentos novos e aperfeiçoar outros, por isso é que as histórias não devem ser deprimentes, o final deve ser feliz para transmitir aos ouvintes uma emoção sadia.

O fator principal nesta arte milenar de contar história é tocar o coração do ouvinte e com consequência despertar a emoção, estudiosos apontam que a necessidade de contar uma boa história exigiu do contador uma habilidade que vem através de muito treino e conhecimento técnico, principalmente de um vasto conhecimento linguístico e educativo, para envolver a criança em uma viagem inesquecível onde ela irá transmitir essas histórias aos colegas e até mesmo aos familiares.

Fanny Abramovich (1994), em seu livro *Literatura Infantil: Gostosas e Bobices* colocam nos muito bem que: “[...] quando se vai ler uma história seja ela qual for para a criança não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não estava familiarizado com uma ou outra palavra...”.

Um historiador de excelência deve se manter ao nível de seus ouvintes para que eles possam ouvir o som de sua voz com nitidez e com desenvoltura, deve também manter em um local bem acomodado, onde não chame a atenção na sua forma de se vestir, ou até na sua forma de andar, lembrando o que a atração principal é sua voz e essa deve atingir a emoção das crianças transportando para uma realidade paralela, um mundo somente dela onde o personagem principal de ser visto, somente na mente da criança sendo ela o herói da história. Muitas vezes pode aparecer uma palavra nova na história, imediatamente o contador deve explicar o sentido da palavra para que se evitem perguntas paralelas e assim distração do foco principal que é a história. Depois de finalizada a história deve comentar com as crianças o enredo da história para um maior entendimento das crianças buscando e observando a emoção em suas respostas.

A história é uma série de incidentes por um desfecho lógico e toda história apresenta três movimentos básicos para um bom enredo que prenda o imaginário de seu leitor ou ouvinte. Sendo que o silêncio é essencial para o narrador transmitir o seu pensamento e emoções na história, emoção essa que chega a tal ponto de envolvimento dos ouvintes a chegarem às lágrimas. Ao iniciar uma história o contador deve fazer uma breve explanação do local onde se passará o evento, esta introdução é de suma importância para que a criança comece a viajar no mundo da história, e assim fazendo parte da história, mas deve-se obter um cuidado e uma sutileza em fazer essa explanação para não prejudicar a história, pois muitas vezes o fato de uma introdução mal feita acaba despertado um pré-julgamento dos fatos por parte das crianças e assim o desenvolvimento dos personagens no decorrer da história.

Era uma vez uma menina muito boa...”, a criança é que deve julgar se a menina é boa ou não. O primeiro movimento tem por objetivo acalmar a criança, transportá-la ao ambiente da história, não traz emoção, portanto deve-se iniciar a narrativa em tom baixo, igual a até monótono, as palavras mágicas: “Era uma Vez”, têm o dom de por si só prender a atenção da criança, (CASASANTA, 1984).

No desfecho sua principal finalidade é formar hábitos de pensamento, encaminhando-o para as melhores soluções. As histórias transmitem uma filosofia de vida, as crianças se habitam a pensar de modo semelhante às personagens das histórias com que se identificam. É nesse sentido que o desfecho presta-se especialmente para isso, pois é nele que as emoções culminam num sentimento.

O ator contador da história deve descrever a mesma com desenvoltura onde as variações no decorrer do texto não sejam percebidas e a atenção seja todas voltadas à história por ele contada, neste momento ele pode alongar ou diminuir alguns fatos, mas nunca interferir na história principal.

É claro que se pode contar qualquer tipo de história para as crianças, desde que o narrador as conheça bem e tenha clareza de que ela é realmente bela ou boa para a realidade das crianças no momento, o critério de seleção é unicamente do educador/narrador, que conhece sua clientela como ninguém.

Ouvir histórias não é uma questão que se restrinja a ser alfabetizados ou não, afinal quantos jovens e adultos adoram escutar uma história, em qualquer idade as pessoas gostam de ouvir histórias, é certo que o centro de interesse e os objetivos são diferentes, mas o prazer é basicamente o mesmo.

Quando se ouve uma história a criança tem estimulada a sua criatividade para desenhar, pensar e principalmente brincar com o mundo do faz de conta.

Um bom texto defende que uma criança já alfabetizada tem uma relação diferenciada com a história, mas sente o mesmo prazer em ouvir alguém a contar com dedicação e de forma criativa. A Literatura Infantil enquanto universo de facção, é um importante elemento na autoconstrução do indivíduo. Sendo assim, a importância dela vai muito além do prazer proporcionando por ler ou ouvir histórias; a literatura serve como elo inicial da criança com a alfabetização, fantasia e sentimentos diversos que envolvem na vida real. Para que a magia da literatura não se perca deve haver uma prática pedagógica que valorize a interação entre criança e livro, para isso acontecer o professor deve estar preparado para tal atuação.

Para tal encantamento das crianças pelos livros é de suma importância que os livros estejam sempre a sua disposição em local bem arejado, colorido e principalmente iluminados, para que a mesma tenha acesso livre, este local o mais indicado será em sua própria sala de aula.

Num primeiro momento o que importa é o contato com o objeto livro, a possibilidade de virar as páginas de descobrir figurar, e de quem sabe, criar a partir delas as suas histórias. É preciso aproximar o livro do mundo da criança, integrá-lo aos seus brinquedos, torná-la tão importante quanto boneco, bolas ou carrinhos.

Sabe-se bem das dificuldades que algumas escolas encontram em prover de livros as salas de aula, mas não se vê como tentar aproximar as crianças do livro sem que ele esteja presente.

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

Para isso, foram escolhidos data e horário para que os encontros acontecessem semanalmente on-line pelo Google Meet. Assim, com o propósito



de despertar o interesse pelo mundo fantástico da leitura por meio da contação de histórias e de estórias, a ideia de se trabalhar com as crianças por meio on-line suas histórias de vida diante dos meses de pandemia que estamos vivenciando no momento se efetivou com os encontros. Diante disso, este projeto justifica-se pela necessidade de estarmos mais próximos dos nossos alunos, frente ao distanciamento social que estamos vivendo, por motivo da pandemia do novo Coronavírus - COVID 19, pois contar histórias promove um “poder”, uma vez que levamos as crianças para “outros lugares”. As narrativas promovem ensinamentos inesquecíveis, por vezes podem ensinar e chamar mais atenção do que uma explicação de um conteúdo de alguma disciplina.

Isso justifica o ato de contar histórias ou estórias porque faz parte de nós como indivíduos, pois somos seres que precisam do discurso para sobreviver, uma vez que somos seres discursivos. Para que isso se estabeleça, é preciso que haja o “outro”, então, a contação de histórias promove também um diálogo com os alunos e com a comunidade no período de pandemia. Além disso, procura-se conscientizar e refletir por meio das contações de histórias e estórias sobre situações que favoreçam a percepção da importância de desenvolver boas maneiras, hábitos, atitudes e valores que contribuam para uma convivência mais amorosa entre as crianças e todas as pessoas.

Quando estava presencialmente, ela sentia-se muito realizada ao contar histórias para os pequenos. Usava fantoches, dedoches, encenações e leitura de livros. No trabalho remoto, encontrou dificuldades de dar continuidade a esse trabalho. Ela buscou vídeos de histórias contadas na plataforma digitais como YouTube para enviar para a turma. No entanto, percebeu que a relação que estabeleciam com a narrativa era diferente.

Neste trabalho acadêmico foquei minha pesquisa em teóricos e pensadores de contos infantis juntamente com pensadores da educação, isso tornou a pesquisa muito interessante onde o que me auxiliou muito foram as ferramentas digitais onde a soma neste trabalho foi de suma importância.

O poder desenvolver esse trabalho com um olhar voltado educação com a ênfase na importância da contação de histórias no cotidiano escolar, isso serve para não perder essa prática que ajuda no desenvolvimento dos educandos pra aprimorar seus conhecimentos sua desenvoltura sua ludicidade, pois para o profissional de educação que estamos na busca de um olhar voltado para o todo na rede escolar sendo assim uma busca de conhecimento não só para o educando mais sim para os educadores também, com esse trabalho aprendi muito e me com certeza desenvolveu minha formação.

Com o passar dos anos a educação ainda não perdeu seu sentido na vida das crianças, sentido esse é dar um significado a vida, mostrando o caminho para ser percorrido e ajudando a superar os obstáculos que porventura venha encontrar nesta odisséia de busca aos novos conhecimentos e para isso nada melhor que a utilização de contos e histórias para iniciar a busca por soluções sem intimidar ou criar traumas futuros na criança.

A literatura infantil bem trabalha em formatos de histórias e contos desenvolvem na criança o interesse a leitura, transformando assim novos leitores assíduos, leitura esta que é primordial para o desenvolvimento da criança nos anos iniciais de sua vida escolar.

Uma das formas de desenvolver a criatividade das crianças é entrando no mundo da fantasia sendo seu ápice na hora do conto onde ele desenvolve sua mente criativa deixando livre para que ela narre e possa expressar todos seus sentimentos sem se sentir preso a qualquer tipo de preconceito e regras.

As necessidades do mundo moderno através do mercado consumista atraem os pais para o mercado de trabalho cada vez mais cedo, com a finalidade é obter o conforto para a família deixando de lado a família tradicional onde somente o pai proveria o sustendo da mesma.

Com o ingresso das mães ao mercado de trabalho, a chegada das crianças no âmbito escolar tende a ser cada vez mais cedo, e com isso o seu desenvolvimento em creches e pré-escola é fundamental para o seu ingresso com maior desenvoltura na idade escolarização fundamental.

A literatura infantil deve ser trabalhada de forma construtiva, didática e lúdica não de forma de um passa tempo, onde a criança será incentivada a desenvolver sua criatividade e raciocínio lógico de forma rápida e dinâmica, por isso a interação do contador de história deve ser de conhecimento total da história a ser contada, onde o improviso deve ser adotado em último caso.

O brincar com a história e contos colabora com a promoção da comunicação afetiva, alarga determinadas áreas de reações e, como reforço, dá às crianças maior segurança, desenvolve suas ideias e a sua própria expressão. O prazer gerado a partir das histórias resulta, mais do que qualquer outro recurso, no desenvolvimento da identidade de grupo, as crianças precisam de histórias e contos para aprender que tudo tem seu início meio e fim.

As histórias e contos infantis nos leva a perceber que ainda há muito que aproveitar na área da educação e que juntos o desenvolvimento da criança é visível em sua criatividade nas atividades propostas no decorrer do desenvolvimento do projeto proposto, e assim os professores e a escola em geral

possam entender que ela é bem mais que meio de se compreender o desenvolvimento da criança: representa uma forma de construir sua identidade e situar-se no mundo. A tecnologia avançou bastante nas duas últimas décadas. Muitas coisas mudaram e quase não se conta mais histórias ou contos como há 30 anos, as histórias, saíram dos livros e pularam literalmente para as telas do cinema e principalmente para as telas dos computadores e celulares, fazendo a forma do imaginário se tornar obsoleto, já que os personagens se apresentam com rosto e formas definidas.

O desafio maior para o contador de história é quebrar esse elo de tecnologia que a criança traz de sua casa e assim aplicar a ela o hábito de pensar e imaginar por si própria e deixar de receber a informação pronta através das telas de cinema, TV ou celular.

Portanto, serve para que se construa uma formação integral, e tenha condições de oferecer um ensino de qualidade, é preciso que a escola e seus colaboradores saibam se conscientizar de suas atribuições, exercendo com responsabilidade suas variadas funções para um interesse comum, que é sucesso do estudante.

A vivência do cotidiano escolar nos tem evidenciado situações bastante questionáveis neste sentido. Percebe-se, de início, que os objetivos educacionais propostos nos currículos dos cursos apresentam confusos e desvinculados da realidade social. Os conteúdos a serem trabalhados, por sua vez, são definidos de forma autoritária, pois os professores, via regra, não participam dessa tarefa. Nessas condições, tendem a mostrar se sem eles significativos com as experiências de vida dos alunos, seus interesses e necessidades (Lopes, 2000, p. 41).

De modo geral, no meio escolar, quando se faz referência a histórias e contos infantis – aprendizagem, este se reduz ao processo através do qual são definidos os objetivos, o conteúdo programático, os procedimentos de ensino, os recursos didáticos, a sistemática de avaliação da aprendizagem, bem como a bibliografia básica a ser consultada no decorrer de ano letivo, série ou disciplina de estudo. Com efeito, este é o padrão de planejamento adotado pela maioria dos professores e que passou a ser valorizado apenas em sua dimensão técnica.

No entanto, não podemos deixar de lembrar que a educação não está presente somente em ambiente escolar, mas também em espaços diferentes da escola, e esses espaços merecem uma atenção especial quanto o ambiente escolar. É a partir daqui que damos destaque aos espaços não escolares. Para a atividade de prática educativa, em espaços não escolares é

preciso que tenha uma pessoa capacitada que tenha domínio dos conhecimentos educativos e conheça seus interesses. Com isso, pode-se dizer que o profissional mais certo para esse exercício de práticas exercerem suas funções em todos os locais onde estejam previstos conhecimentos pedagógicos, sendo esses escolares e não escolares.

Com isso, espera-se que este trabalho venha a contribuir e a esclarecer de forma significativa, outros educadores a proposta de trabalho, onde os mesmos possam perceber que através do lúdico podem mudar sua prática pedagógica, proporcionando ao educando o desenvolvimento de capacidades e a construção do conhecimento de forma significativa.

Onde o mesmo tenha oportunidade de construir seu próprio conhecimento através de atividades que levem o mesmo a participar ativamente na sua formação. Daí a necessidade de resgatar, numa sociedade tecnológica e consumista, à prática de contar história e contos infantis que foram sendo abandonados e substituídos por brinquedos eletrônicos. Isto porque a atividade lúdica estimula a representação e a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Com isso, a criança aprende a se conhecer e atuar no mundo que a rodeia.

#### 4. CONCLUSÃO

O Contar histórias tem como papel decisivo a desempenhar no desenvolvimento do ser humano e, principalmente na criança, na medida em que a estimula, a incita a um crescimento e questionamento sobre o mundo. Em qualquer ser humano, e principalmente na criança imaginação, sensibilidade, inteligência são funções difíceis de dissociar, pois ela tem necessidade de sonho e imaginação. As histórias infantis oferecem a possibilidade de desenvolver o imaginário.

A Literatura Infantil enquanto universo ficcional é um elemento importante na autoconstrução do indivíduo, ele enriquece a imaginação, e a fantasia da criança, cultiva a liberdade de espírito. A literatura infantil é uma herança de uma cultura que foi transmitida por gerações através das lendas e do folclore.

Nessa ordem de ideias, a literatura infantil tem uma importância além do imaginário das crianças; ela serve para a efetiva iniciação das crianças na complexidade das ideias, valores e sentimentos que governam a vida concreta, mas as características estimuladoras de literatura podem ser anuladas se, em sala de aula, o texto for submetido a uma prática pedagógica que empobreça, reduzindo as possibilidades de sua atuação sobre o leitor, por isso, para

que se cumpra a função de intermediário entre a criança e o livro, o professor precisa estar devidamente preparado.

Grandes fontes do imaginário infantil são as histórias, onde se pode entrar em contato com as diversas sensações das crianças a ponto de fazê-las atingirem o sorriso e até chorar na mesma história. O imaginário das crianças é uma das formas mais sensível para atingir a realidade vivida por elas no mundo real ampliando seus conhecimentos dos objetos que envolvem seu dia a dia. O professor que trabalha literatura infantil com seus alunos sabe o valor deste recurso para o desenvolvimento da criança e com certeza está sempre buscando novas e diferentes atividades, para assim despertar seu imaginário e ao mesmo tempo o gosto pela leitura. Enquanto educadores fazem-se necessário ensinar a criança a gostar de literatura e ler para o seu próprio divertimento, cabe ao professor fazer com que ao aluno gostem de ler para se divertir no mundo fascinante da literatura em busca do prazer do que obrigá-lo a ler por ser encarregado de descrever uma história como tarefa escolar caseira.

Quanto maiores as oportunidades de leitura que o professor puder proporcionar aos alunos, maior será a capacidade de interação com a escrita e com o meio. É lendo histórias que a criança também desenvolve seu espírito crítico, partindo das leituras ela passará a analisar, a questionar, duvidar e não aceitar tudo que lhe é colocado, procurando buscar sempre a consequência e o porquê dos fatos.

As histórias permitem que o autor possa viver junto com as crianças as emoções dos personagens, assim vivendo como cúmplice de um mundo fantasioso, mas tão real como belo. Assim proporcionar o prazer das histórias infantis a criança é dar a ela a possibilidade de descobrir o mundo através da leitura: um mundo cheio de conflitos e aventuras, que irá desvendar e aprender a lidar com seus próprios medos, conflitos e dilemas, despertando o imaginário e a curiosidade.

Mas, alguns aspectos precisam ser observados por aqueles que desenvolvem arte de contar histórias para crianças, para que essa atividade atinja o objetivo o que se destina. Contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, latentes aliadas, em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças. Indiscutivelmente, contar histórias é muito importante e deve ser feita com naturalidade, com emoção, deixando as palavras fluírem, essa naturalidade depende muito da segurança do contador que é adquirido através da leitura, do conhecimento da história, do domínio de algumas técnicas que a Didática ensina e, principalmente, se o contador vivencia o enredo com interesse e entusiasmo ele contagia as crianças e adultos, por isso, contar histórias é um exercício de criatividade, de originalidade que podem e devem ser estimuladas e desenvolvidas.

## 5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 4º Ed. São Paulo: Scipione, 1994.

ARAGÃO, Olivério. **Literatura Infantil, Teoria e Prática**. 15ªed. São Paulo: ÁTI-CA, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS– ABNT. **NBR 6023**: informação e documentação / referências / elaboração. Rio de Janeiro, 2002.  
CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **Literatura Infantil Estudos**. São Paulo: LótuS, 1985. CASASANTA, Teresa. **Criança e Literatura**. 4ª ed. Belo Horizonte: Gráfica, 1984.

FONTANA, Roseli Apª Cação. **Mediação Pedagógica Na Sala De Aula**. Campinas – SP : Autores Associados, 2005 Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

LOPES, Antônia Osima. **Planejamento do ensino numa perspectiva de educação. -Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectiva**. São Paulo; Ed.01-2000.

ZILBERMAN, Regina *et al.* **A fundação da Literatura Brasileira**. São Paulo: ABRALIC, 1984.

## QUEM SERÃO OS CONTADORES DA HISTÓRIA DO SÉCULO XXI NO FUTURO: GESTÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Débora Aparecida Rosa<sup>1</sup>  
 Cristiane Aparecida Dias Pessoa<sup>2</sup>  
 Elaine Martins Do Amaral<sup>3</sup>  
 Fabiana Soares<sup>4</sup>  
 Leia Kelly Rodrigues Da Silva Penso<sup>5</sup>  
 Elaine Antunes De Matos<sup>6</sup>

### RESUMO

O estudo que fizemos baseia-se na análise da atual crise na educação em relação a pandemia com a chegada inesperada do vírus Covid 19 e suas variantes, assim como as vivências das crianças diante das inovações tecnológicas nos modos presenciais e não presenciais em que escolas e principalmente os centros de educação infantil criaram para reinventar e se adaptar a realidade posta neste século XXI, bem como a preocupação enquanto educadoras e educadores com os sujeitos que contarão esta história no futuro e que serão as crianças que estão conosco na caminhada no novo fazer da educação. Refleti-

<sup>1</sup>Débora Aparecida Rosa: Pedagoga pela UNIFACVEST; Pós-graduada em Práticas Interdisciplinares pela FUCAP/ UNIASELVI; Cursando Pós-graduação em Neuropsicopedagogia pelo Instituto URIAH/ Dom Bosco; Mestre em Educação pela UNIPLAC.

<sup>2</sup>Possui Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST (2007). Atualmente é tutora EAD no Centro Universitário Unifacvest.

<sup>3</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário UNIFACVEST (2004), especialização em gestão escolar com ênfase em educação infantil e series iniciais (2005), mestrado em andamento em letras (práticas transculturais) (2021). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em educação infantil e series iniciais. Professor tutor do curso de pedagogia EAD UNIFACVEST

<sup>4</sup>Doutorado em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2020). Atualmente é professora da Escola Estadual de Ensino Básico José Fernandes de Oliveira e horista na Unifacvest, onde também atua como docente no mestrado profissional em Práticas Transculturais.

<sup>5</sup>Especialista em Psicopedagogia Interdisciplinar e Gestão Escolar na Educação Básica pelo Centro Universitário FACVEST (2011). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST (2007). Possui Magistério em Educação Infantil e Séries Iniciais (2002). É funcionária efetiva da Prefeitura do Município de Lages (2007) no cargo de Professora da Educação Infantil. Atualmente integra a Equipe da Secretaria da Educação do Município de Lages, Como Coordenadora de Estágios e é tutora EAD no Centro Universitário Unifacvest.

<sup>6</sup>Possui graduação em Letras Portugêses/Libras. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pesquisadora na área de Ensino Superior, Formação e Trabalho Docente. Professora-Tutora no Centro Universitário Unifacvest.

mos também, quais os desafios dos professores diante do cenário pandêmico/ educação, bem como as perdas oriundas do governo atual.

Palavras-Chave: Educação; Educação Infantil; Equidade; Pandemia.

### ABSTRACT

The study we carried out is based on the analysis of the current crisis in education in relation to the pandemic with the unexpected arrival of the Covid 19 virus and its variants, as well as the experiences of children in face of technological innovations in face-to-face and non-presential modes in which schools and mainly the early childhood education centers created to reinvent and adapt to the reality set in this 21st century, as well as the concern as educators and educators with the subjects who will tell this story in the future and who will be the children who are with us on the journey in the new making of education. We also reflect on the challenges faced by teachers in the pandemic/education scenario, as well as the losses arising from the current government.

Key words: Education; Child education; Equity; Pandemic.

### 1. INTRODUÇÃO

A pandemia marcou a entrada das primeiras décadas do século XXI ocasionada pelo vírus do Covid 19, em meio a luta para superação de várias questões sociais, econômicas e culturais, o mundo parou para contraditoriamente visualizar o inimigo invisível e trouxe à tona as dificuldades das classes sociais desfavorecidas economicamente, a fome mostrou a sua face mais triste, a solidão da orfandade, o racismo e tantos enfrentamentos tornaram-se pauta dos jornais, das revistas, lado a lado com o vírus que alastrou-se rapidamente.

A crise na saúde mundial foi desafio e ainda continua sendo, os movimentos anti-vacina, a responsabilidade no cumprimento dos deveres do estado com a população de cada país, as invasões de facções em meio a pandemia tomando nações e uma crise política sem precedentes serão histórias a serem contadas pelas crianças no futuro.

As crianças do séc. XXI entre 2020 e 2021, chegaram nas escolas de educação infantil ouvindo histórias, informativos, regras e inserindo-se numa realidade sobre os novos tempos onde álcool gel 70 e máscaras eram as pri-



meiras atividades para então dar início a rotina. Entre os primeiros dias de alvoroço e posteriormente ensino a distância, depois educação semipresencial, presencial e não presencial, muitas mudanças foram necessárias na vida das famílias, dos professores e do administrativo pedagógico, das escolas e das secretarias, sejam elas municipais ou particulares, no caso da educação infantil.

Explicar para a criança em idade escolar da educação infantil sobre a vida em sua finitude, ter que trabalhar temas como o luto, e responder os porquês da fase dos 2 aos 5 anos principalmente, tornou o ato de educar e de ensinar mais complexo e necessário.

Refletimos então, como ocorreram e ainda ocorrem as vivências das crianças diante das inovações tecnológicas, no âmbito da família, nas escolas e principalmente nos centros de educação infantil, levando em consideração toda a diversidade cultural e econômica dos meios aos quais estas crianças se encontram. O que foi necessário criar para reinventar e se adaptar à realidade posta neste século XXI, bem como a preocupação enquanto educadoras e educadores com os sujeitos que contarão esta história no futuro e que serão as crianças que estão conosco na caminhada no novo fazer da educação.

Refletimos também, quais os desafios dos professores diante do cenário pandêmico/educação, bem como as perdas oriundas do governo atual.

## 2. ESTUDO E REFLEXÃO

A educação infantil é etapa primordial para o bom desenvolvimento neurológico, portanto, cognitivo e motor. A questão sensorial é importante no trabalho de uma professora ou professor da educação infantil, nesta pauta ele trabalhará o sentir, e todas as sensações que a criança tem, desenvolve e aguça, mas também há concomitantemente o trabalho com as crianças na diversidade múltipla, como as que apresentam TEA (Transtorno Espectro do Autismo), TOD (Transtorno Opositivo Desafiador), deficiência visual, deficiência auditiva, entre tantos outros transtornos e que em “tempos normais” já se davam como desafios em sala de aula, e agora precisam ser repensados, traçando novas estratégias com práticas que deem conta da totalidade da formação do ser integral.

Como podemos enquanto professores definir o nosso papel daqui para frente, como queremos que a criança que passa por nós seja no futuro? Que país queremos para nós e para elas? De que forma queremos ser vistos pelo resto do mundo? Qual é a nossa voz?

Estes, são alguns questionamentos que devemos inserir na dialogicidade em nossos estudos pedagógicos nos espaços de educação infantil, nas academias, que formarão novas pedagogas e pedagogos, na conversa diária entre família e escola, na própria família em reunião com seus filhos, netos, sobrinhos, pois mais do que nunca as avós, fizeram parte da educação dos netos, estando com eles ou em tempo integral quando esta criança estava no modo não presencial na escola e desenvolvia as atividades enviadas pela professora ou professor para ser realizada em casa, ou quando essas avós ficavam meio período, desenvolvendo da mesma forma essas atividades e outras vivências com os seus netos enquanto os pais trabalhavam para dar seguimento a sustentação da vida. Essas avós foram e continuam sendo parte da formação das crianças que contarão a história do mundo, do seu país, da sua cidade ou da sua própria família, serão aquelas que falarão sobre a nova identidade que construíram diante da dura realidade a qual vivenciaram.

Como observou Arthur Schopenhauer, a “realidade” é criada pelo ato de querer; é a teimosa indiferença do mundo em relação à minha intenção, a relutância do mundo em se submeter à minha vontade, que resulta na percepção do mundo como “real”, constrangedor, limitante e desobediente. Sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme os desejos, significa atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir: (BAUMAN, pg. 25, 20001

Sygmunt Bauman, sociólogo polonês, conhecido pelo conceito de “modernidade líquida” já trazia em seus estudos, reflexões sobre a realidade, a intenção humana em relação ao mundo e seus resultados, escreveu também sobre as tecnologias, o comportamento humano diante das redes sociais e o consumismo. Perfeitamente atual para o momento que vivemos, ele foi um estudioso que, segundo a sua ideia, tudo muda o tempo todo, é efêmero, a realidade não é constante, não há como criar laços permanentes. Então, diante deste último pensamento de Bauman por exemplo, em que ponto pode se agravar o cenário de uma modernidade líquida diante de uma realidade em que o distanciamento foi e ainda está a certo ponto sendo uma das bases para proteção a vida diante do Covid 19?

Como trabalhar com as crianças nos espaços o respeito a esta regra e ao mesmo tempo tentar criar laços para que se dê o conceito afetivo tão necessário da pedagogia da amorosidade e como trataremos uma ação sistêmica

para que se construa sujeitos mais inteiros? Trabalhar ainda a tecnologia para a criação de uma essência onde não se contribua ainda mais para esta realidade líquida. Está posto um desafio para nós educadores e estudiosos da educação.

Sem dúvida a tecnologia é um grande marco para a ciência, para o trabalho, para as vivências no dia a dia, para a educação principalmente, mas precisamos ter o cuidado para não torna-la ferramenta de exclusão. O governo, o Estado, precisa estar atento para oferecer as oportunidades a todas e todos diante do que a tecnologia pode oferecer. Ela pode criar e destruir, unir ou segregar.

Ariano Suassuna (1999), dizia que “o otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso”. Partindo desta reflexão, lembramos de uma palavra que está sendo muito disseminada e desde já nos posicionamos em favor para que cada vez mais ela seja premissa das práticas pessoais, e desejamos que seja também palavra de ação para as políticas públicas nos âmbitos da educação, economia, cultura, saúde, enfim, na sociedade como um todo. Uma palavra que precisa com urgência ser disseminada e antes de sê-la, necessita sim ser praticada é a **equidade**, que segundo o dicionário Michaelis (2021), significa: “Consideração em relação ao direito de cada um independentemente da lei positiva, levando em conta o que se considera justo. Integridade quanto ao proceder, opinar, julgar; equanimidade, igualdade, imparcialidade, justiça, retidão. Esta palavra nos propõe uma realidade esperançosa tal qual dito por Suassuna.

Para isto, precisamos reconhecer em âmbito mundial, que desenvolver políticas públicas em que a educação infantil seja foco privilegiado e com ela as famílias, principalmente as mais pobres é o caminho para que se dê a equidade. Para ser uma boa escola de educação infantil, no caso aqui nos referimos neste momento aos Centros de Educação Infantil por exemplo, responsáveis por esta etapa da educação básica, não basta simplesmente esgotar a demanda de procura por vagas e inserir a criança como sujeito matriculado, mas, são necessárias as boas práticas, o desenvolvimento de relações entre família e escola de uma maneira sistêmica, dialógica, criativa, sustentável, solidária e responsável.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) define seis direitos de aprendizagem para o bom desenvolvimento da criança na etapa da educação infantil, dos zero aos cinco anos e onze meses de idade, estes direitos são: Brincar; Conviver, Participar; Explorar; Expressar e Conhecer-se. Para possibilitar tais direitos a educação infantil está contemplada na BNCC como objeto de desenvolvimento do trabalho dos professores a serem desenvolvidos em campos de experiências: O Eu o Outro e o Nós, Gesto, Corpo e Movimento, Escuta, Fala, Pensamento e

Imaginação, Traços, Cores, Sons e Formas, Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações. Diante desses direitos e levando em consideração a prática a ser desenvolvida por meio desses campos de experiências, sabemos que será grande o empenho da escola perante a diversidade das crianças que temos, será um desafio dar conta dos sujeitos da geração tecnológica, crítica, e carente de relações afetivas presenciais oriundas da experiência da pandemia Covid 19 e todas as variantes que vierem com ele, trazendo reformulações necessárias a maneira de ver todo o processo educativo.

### 3. CONSIDERAÇÕES

Acreditamos que mesmo diante de um cenário desafiador tanto no que diz respeito as questões humanas de cada pessoa seja ela adulto, idoso ou criança, como nas questões referentes ao trabalho educacional ao qual se mostrou nestes últimos dois anos, 2002 e 2021, temos agora por vir, digamos que, uma preparação mais segura para o que possa estar nos próximos anos, pós pandêmicos e mesmo diante das variantes do vírus covid 19.

Este pensamento se dá, por conta da experiência que cada qual passou em seu contexto pessoal de vida e profissional, cada desafio superado, cada ferramenta construída para dar conta do que estava posto e necessitava ser desenvolvido. Agora, com tudo, urge aprimorar o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, levando em consideração a diversidade de cada um, de cada família, pensando na necessidade de cada pessoa e ter como base para isso o desenvolvimento de uma práxis da equidade.

Os caminhos a priori, são antes de tudo a reflexão do que se passou e partindo das famílias e da escola, a construção dessa reflexão que se fará, diante do cenário político que temos nestes tempos. Precisamos cobrar políticas públicas que deem conta da formação de sujeitos mais completos que tenham seus direitos básicos garantidos e esses direitos básicos, estão modificados por conta das ferramentas necessárias para que a educação se faça, eles estão ampliados na verdade, para que se alcance a qualidade, necessitamos de equidade e amorosidade, desde a educação infantil. Dentro desses outros direitos estão, ainda, a alimentação, saúde, habitação, educação e cultura, direito à tecnologia, à internet, ao conhecimento e educação para discernimento desde as primeiras idades do que é seguro no que diz respeito a internet, as redes sociais, e mediar a educação desde a educação infantil os saberes para sua utilização. Tendo esses fatores da problematização apontados, precisamos

retirar destes quais foram as lições que tivemos não somente no momento pandêmico, mas antes, pois muitos desses problemas já era fato posto na realidade brasileira, e então, partimos para a reflexão por meio das discussões, e do fazer nossas vozes serem escutadas para podermos apontar como sujeitos oriundos e inclusos no processo educacional, quais são as alternativas que podem ser colocadas em prática, fazer parte da construção de novas políticas públicas. Questionando o que o governo oferece, quais as saídas do Estado para superação da crise e fazer a nossa parte enquanto cidadãos críticos.

Hoje, final do ano de 2021, já temos base para talvez, planejar diante da incerteza. Tendo em mente e para além dela, como meta, não retornar para o antes da pandemia, no sentido de que o que havia antes, já não estava funcionando, então, podemos aproveitar o que foi necessário criar diante da crise e apostar no novo.

Os professores passaram por desafios como em nenhum outro tempo, adaptando-se a nova realidade, trabalhando de formas diversas ao mesmo tempo e com modalidades adaptadas para cada aluno ou criança, algumas famílias buscavam as atividades para realizar com suas crianças, outras nunca apareceram na escola, outras enviaram suas filhas e filhos para a escola assim que houve uma flexibilização, e nestes contextos diversos, muitas famílias preocuparam-se com o processo de educação mais do que preocupavam-se antes, outras foi infelizmente possível observar o descaso deixando as crianças à mercê apenas da escola, dos centros de educação infantil e no ensino fundamental e médio isso evidenciou-se ainda com mais força.

Uma das questões a serem pensadas é a gestão do tempo diante da diversidade que se dará a partir das mudanças realizadas, não somente a gestão do tempo da criança em atividade na sala de aula mas o tempo com a família, o tempo fora da escola, o tempo dos professores em trabalho e fora dele. Vamos refletir, qual tempo, que tempo, quanto tempo? A partir do quesito qualidade, resultado levando em consideração a equidade.

É necessário compartilhar com a família por exemplo, o que pede a BNCC às escolas, aos professores, no caso da educação infantil, explicar aos pais que os pontos do trabalho partindo deste pré-requisito documental e referencial, que existem os direitos de aprendizagem, os campos de experiência e os objetivos de aprendizagem para então o desenvolvimento. Pois não podemos enquanto Escola estar só para com este processo, é necessário antes de tudo uma dialogicidade constante com a família e o poio da gestão escolar para tornar possível esta realidade. Assim, poderemos quem sabe, propiciar que as

crianças hoje, possam contar no futuro próximo as superações de uma época difícil e para isso, não podemos perder a esperança, mesmo que na utopia de um mundo mais justo e melhor para todas e todos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2001. DICIONÁRIO MICHAELIS, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. 34 ed./3ª imp. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

## REFLETINDO E REINVENTANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Luís Ricardo Cordova da Silva<sup>1</sup>  
Ademar de Souza Mendes<sup>2</sup>  
Andreia Vieira Maia<sup>3</sup>  
Eri Cistina dos Anjos Campos<sup>4</sup>  
Fernanda Da Silveira Lisboa<sup>5</sup>  
Antonella Bianchi Ferreira Ishii<sup>6</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo realizar uma breve discussão e tecer algumas análises acerca do tema envolvendo a necessidade de reinventar a prática pedagógica na educação especial em tempos de pandemia, destacando importantes considerações e algumas possibilidades de propostas e ações voltadas à inclusão, especialmente para esse público, considerando suas especificidades e fragilidades que foram ampliadas durante o ensino remoto. Avaliando nesse

<sup>1</sup>Professor Especialista – Tutor do Curso de Licenciatura em Educação Especial EaD do Centro Universitário Unifacvest. Lages- SC. E-mail: prof.luis.silva@unifacvest.edu.br- Autor Principal

<sup>2</sup>Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (1976), graduação em Direito pela Faculdade de Direito Santo Ângelo (1992) e mestrado em Desenvolvimento pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2005). Atualmente é professor mestre do Centro Universitário FACVEST.

<sup>3</sup>Graduação em Pedagogia (Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental) pela Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC (2003). Pós-graduada na mesma área incluindo a área de Educação Especial, pela FACEL (2006), Especialização pela UNESP (2012) em Atendimento Educacional Especializado, Mestrado Acadêmico em Educação pela UNIPLAC (2015).- Revisor(a)

<sup>4</sup>Mestre em Educação pela Uniplac (2016). Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Unesp (2013); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo instituto de pós-graduação IBPEX (2004); graduada em Pedagogia habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Uniplac (2003). Pós-graduanda do curso de especialização em Neuropsicopedagogia Clínica. Integra como conselheira titular no Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, Fórum Municipal de Educação, Compõe a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência da Serra Catarinense e Rede de Prevenção e Enfrentamento às Violências contra as Mulheres. Atualmente exerce o cargo de coordenadora do setor de Educação Especial da Secretaria da Educação do Município de Lages e Professora Tutora nos cursos EAD do Centro Universitário Unifacvest.- Revisor(a)

<sup>5</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021). Atualmente atua na função de professora na Prefeitura Municipal de Lages e professora-tutora no Centro Universitário Unifacvest. Tem experiência na área de Educação, com especialização em Educação Especial Inclusiva. No momento cursa a Segunda Licenciatura em Letras- Português.- Revisor(a)

<sup>6</sup>Doutora e Mestra em Educação pela PUC-SP (2013/2008). Docente do Centro Universitário UNIFACVEST em Lages SC.

novo cenário que muitos foram os desafios enfrentados pelos estudantes da educação especial, com grandes impactos em seu desenvolvimento, justificando-se a necessidade em refletir com maior aprofundamento sobre sua escolarização e, assim propor algumas possibilidades para que tenham oportunidades de acesso, de participação e melhores condições de ensino. Para este desenvolvimento, utiliza-se como fundamentação o material bibliográfico e a partir daí suscitar novas reflexões, outras possibilidades, avaliando e reavaliando continuamente a atuação e a prática pedagógica com esses educandos, especialmente no momento atual.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Inclusão. Pandemia. Prática Docente.

### ABSTRACT

This article aims to carry out a brief discussion and make some analyzes on the topic involving the need to reinvent the pedagogical practice in special education in times of pandemic, highlighting important considerations and possibilities for proposals and actions aimed at inclusion, especially for this audience, considering its specificities and weaknesses that were amplified during remote teaching. Assessing in this new scenario that many were the challenges faced by special education students, with great impacts on their development, a requirement to reflect in greater depth on their schooling is justified and, thus, proportionately possibilities for them to obtain access opportunities, better conditions for participation and teaching. For this development, it is used as the foundation of bibliographic material and from there to raise new reflections, other possibilities, continuously evaluating and reassessing the performance and pedagogical practice with these students, especially at the present time.

**Key words:** Special education. Inclusion. Pandemic. Teaching Practice.

### 1 INTRODUÇÃO

O mundo vive um momento em que propostas e ações voltadas à inclusão se fazem iminentes e necessárias, especialmente tendo em vista o cenário pandêmico atual que além das mudanças inerentes ao cotidiano, trouxe também consequências e reflexos que merecem destaque no processo educativo.



Entender dificuldades, não somente durante a pandemia, equivale reconhecer a diversidade existente, e que nesse novo contexto de aulas remotas e de isolamento social ampliou ainda mais as desigualdades e dificuldades já tão presentes, contribuindo para assinalar um processo excludente e adverso nos mais variados âmbitos da sociedade.

Com a pandemia, educandos de forma generalizada, assim como professores e familiares precisaram se adequar a um novo modelo de ensino, dominar tecnologias que não estavam habituados e que muitos sequer tinham acesso para que o ato de ensinar e aprender fosse concretizado.

Por isso, muitos desafios precisaram ser transpostos, notadamente estudantes da educação especial que sofreram grandes impactos, perceptíveis em seu desenvolvimento nos diversos aspectos, desencadeando a necessidade do professor se reinventar para atendê-los durante o ensino remoto. Tudo isso, exigiu muita disciplina, resiliência por parte de todos os envolvidos e trouxe muitas implicações, possibilidades e muitos questionamentos sobre o processo educativo.

O interesse por esse tema se deve a necessidade em refletir e analisar no atual cenário em tempos de pandemia, a forma de conduzir a escolarização dos sujeitos da educação especial e refletir sobre algumas possibilidades para que tenham a mesma oportunidade de acesso, de informação e de participação, favorecendo melhores condições de ensino, buscando minimizar uma realidade já tão marcada por desigualdades e exclusões.

A partir dessas concepções apoiando-se no material bibliográfico existente que servirá de fundamentação para essa escrita serão abordadas algumas análises e, ao final tecidas algumas considerações no sentido de suscitar novas reflexões, outras possibilidades, avaliando e reavaliando continuamente a atuação e a prática pedagógica com esses educandos, especialmente no momento atual.

## **2 A PANDEMIA E A EDUCAÇÃO ESPECIAL: REINVENTANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS – Organização Mundial da Saúde declarou que o surto do Novo Coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – considerado o mais alto nível de alerta da Organização, segundo previsto no Regulamento Sanitário Internacional. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021).

O Brasil identificou a primeira contaminação do Novo Coronavírus no final de fevereiro de 2020, neste mesmo momento, em outros países já estavam sendo registrados muitos casos de Coronavírus, conhecido também por Covid-19. E, em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi então caracterizada pela OMS como uma pandemia, devido à distribuição geográfica desta doença. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021).

Sua propagação pelo mundo não demorou a acontecer, bem como, a ocorrência da primeira morte. Na região de Santa Catarina, as aulas foram suspensas em março de 2020, os estudantes foram dispensados, o ensino passaria a ocorrer de forma remota e as interações através de diversas plataformas virtuais e/ou outros recursos de aprendizagem como por exemplo, os materiais impressos.

Contudo, compreendendo que muitas são as dificuldades e diversidades existentes nessa nova realidade, muitos dos estudantes de todo o país, além de não ter acesso à internet ou de infraestrutura necessária, precisaram enfrentar ainda outros desafios que o isolamento social e esse momento de crise trouxeram consigo, uma vez que no atual cenário muitas famílias brasileiras, especialmente as mais vulneráveis passaram a conviver cotidianamente com uma série de situações conflitantes, pois:

Segundo dados da PNAD (IBGE, 2018), 20,9% dos domicílios brasileiros não têm acesso à internet, isso significa cerca de 15 milhões de lares. Em 79,1% das residências que têm acesso à rede, o celular é o equipamento mais utilizado e encontrado em 99,2% dos domicílios, mas muitas famílias compartilham um único equipamento. Outra realidade que não podemos desconsiderar é que as casas das classes médias e alta têm uma estrutura privilegiada para o desenvolvimento de atividades escolares. Porém, as residências das classes populares se configuram, em geral, com poucos cômodos onde convivem várias pessoas, tornando-se difícil a dedicação dos alunos às atividades escolares. (SOUZA, 2020, p. 111).

E essa seria apenas uma das muitas dificuldades e adversidades enfrentadas pelas famílias, onde muitas pessoas ficaram sem empregos, desprovidas de itens básicos para a sua sobrevivência, como por exemplo, a alimentação e a moradia, somando-se a isso, apontam-se as questões emocionais também bastante fragilizadas, situação que agravou ainda mais a problemática apresentada.

Compreendendo que a comunicação é fator indispensável para o desenvolvimento do ser humano e que é através da linguagem que o pensamento se organiza, se estrutura e a expressão humana acontece, analisa-se que o ser

humano é essencialmente social e, por isso precisa estabelecer trocas, se relacionar tanto social quanto afetivamente com outras pessoas. Assim, a escola como instância socializadora que é, desempenha um importante papel nesse contexto. Segundo Pletsch, (2014), a escola representa um espaço formal de educação e fundamentalmente atua no processo de constituição do indivíduo e na apropriação de conhecimentos.

No entanto, o isolamento social, as dificuldades para manter a comunicação, a falta de acesso à rede e de infraestrutura necessária, as defasagens de aprendizagens, as desigualdades no desempenho educacional, dentre outras situações conflitantes dificultaram e ampliaram ainda mais os desafios da educação no período da pandemia. Tanto o professor, quanto as famílias foram assoladas com essa mudança em suas rotinas e muitas vezes não souberam como agir, pois não houve um preparo para enfrentamento da situação que se impôs mundialmente.

Pessoas consideradas diferentes, com necessidades específicas ou por pertencerem a outras culturas e etnias, outras realidades, por apresentarem condições sociais desiguais ou com outros padrões, enfim pessoas com um histórico de exclusão justificam o surgimento de ampla discussão, o apontamento de novas alternativas e a existência de legislações efetivas que normatizem e contemplem as condições apresentadas por esses grupos, especialmente nesse período tão frágil e difícil para o processo educativo.

No capítulo singular da vida e na vivência do presente, a pandemia do novo Coronavírus remeteu a muitas reflexões, considerando também a necessidade de que o processo de ensino e aprendizagem continuasse ocorrendo, apesar da crise mundial premente.

Nesse contexto, o professor precisou também se autoavaliar e se reinventar, com isso, foi possível uma diversidade de experiências que enriqueceram o seu aparato de conhecimentos. Essa nova vivência impôs a necessidade urgente de apropriar-se de outras metodologias, recursos e multimeios didáticos que dessem conta das demandas pedagógicas do presente. Trouxe também à tona a reflexão sobre a importância em repensar a forma como a educação vinha sendo concebida e trabalhada para que os avanços desejados na aprendizagem efetivamente ocorram.

De acordo com Silva; Bins; Rozek (2020, p. 127), torna-se continuamente necessário: “[...] refletir sobre nosso papel enquanto educadores neste país tão desigual, em que a educação é tão pouco valorizada e que, neste momento, mostra-se tão necessária”.

A experiência na educação trazida pela pandemia, além da constatação da fragilidade da vida e de uma série de sentimentos que assolaram a população do mundo vem deixando fortes marcas em toda uma geração e isso tudo provocou muitas incertezas, dúvidas e angústias.

Apesar disso, esses momentos contribuíram para levar o ser humano a refletir e, principalmente, compreender que é preciso superar as dificuldades e exercitar a capacidade de lidar com problemas. É preciso adaptar-se às mudanças, superar os obstáculos impostos e não sucumbir à realidade considerada tão caótica, encarando melhor os desafios e incertezas que envolveram a temática da educação em tempos de pandemia.

E, na educação especial a problemática ficou ainda mais visível, apesar de todo esforço, tanto por parte da escola e seus profissionais, quanto por parte dos familiares, o distanciamento social devido à pandemia, a falta de acompanhamento trouxe prejuízos para o desenvolvimento desses educandos que se mostraram sempre muito ansiosos para retornar a rotina escolar de forma presencial.

Tal situação levou os profissionais da educação a refletir e rever suas práticas de ensino, revelando também a necessidade de uma ressignificação na escolarização dos estudantes da educação especial, para assim concebê-la como um processo efetivo, analisando-se a busca por propostas concretas e intervenções que buscassem alterar o quadro já permeado por tantas dificuldades, exclusões e inúmeros desafios, principalmente para esses educandos.

Nesse novo formato foi preciso contar com o auxílio dos familiares para realizar o acompanhamento, o incentivo e a mediação das atividades a fim de dar continuidade às práticas pedagógicas iniciadas em sala de aula.

Foi um ano atípico, de muitas dificuldades e a distância física trouxe momentos de angústias e incertezas a todos os envolvidos e, por isso foi preciso se reinventar e adaptar as propostas pedagógicas a cada novo dia. Uma nova experiência, por vezes difícil e desafiadora, mas apesar disso, trouxe também para o professor muitas possibilidades e novos aprendizados. Pois com esse novo formato de aulas foi possível avaliar, rever e constatar a necessidade de incorporar continuamente novos saberes em seu fazer pedagógico.

Com isso obteve-se também amplo enriquecimento tanto de cunho pessoal como profissional, cujos conhecimentos e vivências pedagógicas deverão a cada dia fortalecer a atuação docente e seus trabalhos com os educandos. Portanto, essa mudança que se impôs pode também representar inovação, renovação, reinvenção e superação.

Por isso, com os educandos da educação especial visando trabalhar a aquisição de conhecimentos e comportamentos que lhes sejam essenciais nesse momento pandêmico, buscando promover a sua independência e autonomia (SANTA CATARINA, 2020), buscou-se trabalhar e propor atividades que envolvessem situações que pudessem ser realizadas remotamente e que fossem voltadas às atividades da vida diária, ao lazer, à promoção da socialização e das interações e ao desenvolvimento do aprendiz.

Com os educandos da educação especial é preciso que as habilidades ensinadas e desenvolvidas lhes sejam significativas e, principalmente que sejam necessárias para o seu desenvolvimento e aquisição de sua independência, promovendo a sua participação no aprendizado, contribuindo para o seu acolhimento, para a sua qualidade de vida e, principalmente para a inclusão social, minimizando assim, as experiências segregatórias da pessoa com deficiência.

Sobre isso, temos que: “Educar para a vida é reconhecer que cada indivíduo tem um potencial e que conviver com as diferenças faz parte da vida. É ensinar a essas pessoas algo que lhes interessem, que lhes seja útil, fazendo com que se sintam necessárias”. (CERQUEIRA, 2008, p.4).

Assim as atividades propostas remotamente precisaram ser diversificadas, envolvendo e contemplando situações do cotidiano, objetivando com isso ampliar as habilidades para que este educando tenha maior participação no contexto escolar e social.

A escolarização de alunos com deficiência representa historicamente grandes desafios, o que demanda um aprendizado constante, mas que foi intensificado devido ao distanciamento social e a necessidade de aulas remotas, ampliando e agravando as desigualdades sociais e educacionais. Por isso, essencial que sejam propostas metodologias de ensino adequadas e que ocorram reiteradamente em uma perspectiva inclusiva, que possa atender as especificidades de cada aluno com materiais individualizados que estimulem a sua participação, pois: “Educação para TODOS com qualidade deve ser a meta de TODOS”. (DÉO; PEREIRA, 2011, p.13).

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), o conhecimento é produção coletiva e deve ser acessível a todos e a escola um espaço democrático comprometido com a formação integral do sujeito visando à construção de uma sociedade justa e igualitária. A educação é portanto, um direito de todos e a escola representa um relevante papel na garantia da aprendizagem com qualidade e que deve ser oferecida a todos com equidade, por isso, temos que a escola é ainda: “[...] um espaço que possibilita a construção

de mudanças nas práticas pedagógicas, no currículo, no ensino e na aprendizagem dos alunos, inclusive daqueles com deficiência [...]”. (JESUS; EFFGEN, 2012, p. 18).

Por conseguinte, no percurso de aulas remotas foi preciso criar um ambiente propício, que oportunizasse o desenvolvimento do educando de maneira natural, buscando desenvolver sua autonomia, sua independência e dar-lhes ainda as condições necessárias para que pudessem avançar em seu desempenho cognitivo e de participação escolar e social. Porém, assinala-se a necessidade de apontar continuamente novos caminhos, novas oportunidades e possibilidades a serem adotadas na prática futura para que a aprendizagem possa acontecer e continue atendendo as suas demandas, ainda que em um cenário adverso, complexo e de muitas instabilidades.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as abordagens, análises e reflexões que foram suscitadas é possível destacar inicialmente a importância para o processo educativo em incorporar propostas que visem primeiramente à acessibilidade e à inclusão, mas que possibilitem ainda a participação e a superação das desigualdades nos diversos níveis. Esse processo remete considerar a diversidade e as possíveis dificuldades existentes o que requer amplo planejamento, estudo e implantação de ações necessárias para o enfrentamento dos desafios impostos pela pandemia.

Espera-se que esses conhecimentos possam fortalecer e melhor articular as relações escolares, incorporando novas alternativas ao ensino, notadamente para a educação especial, oportunizando maior aproximação entre educando, escola e família, trazendo também novos horizontes e principalmente possa contribuir para a reflexão sobre a prática pedagógica em tempos de pandemia voltada para um olhar mais inclusivo, compreendendo o que ainda pode ser planejado, revisitado, alterado, incluído e transformado.

Com essas constatações, analisa-se que na educação especial a prática pedagógica do professor e sua atuação na pandemia exigiu uma abordagem muito mais aprofundada e positiva, que foi além do que já estava posto. Por isso, espera-se desencadear amplas reflexões voltadas ao estabelecimento e ao aperfeiçoamento constante de metodologias e da adoção de estratégias de aprendizagem que contemplem especialmente a acessibilidade. Que sejam incorporadas novas atitudes no sentido de saber melhor lidar com as diferenças

e suas fragilidades, contribuindo também para um processo educativo mais humano, solidário, acolhedor, inclusivo e eficaz.

## REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Maria Teresa Almeida. **Estratégias de ensino aprendizagem para a pessoa com deficiência intelectual de 12 a 18 anos**. Curitiba, PR: UFP, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1068-2.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

DÉO, Adriana Fortes; PEREIRA, Jeanete Aparecida Ferri. **A triangulação entre Deficiência Intelectual, Funcionalidade Humana e Apoios**. DICA, n.4, ano 3, 2011. Disponível em: <[https://www.revistafaag.com.br/revistas\\_antiga/upload/4\\_87-266-1-PB.pdf](https://www.revistafaag.com.br/revistas_antiga/upload/4_87-266-1-PB.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2021.

JESUS, Denise Meyrelles de; EFFGEN Ariadna Pereira Siqueira. **Formação docente e práticas pedagógicas**. Conexões, possibilidades e tensões. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <[https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/atividades\\_inclusao/o\\_professor\\_e\\_a\\_educacao\\_inclusiva.pdf#page=18&zoom=100,0,0](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/atividades_inclusao/o_professor_e_a_educacao_inclusiva.pdf#page=18&zoom=100,0,0)>. Acesso em: 13 dez. 2021

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS. Folha informativa sobre COVID-19. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

PLESTSCH, M. **Educação especial e inclusão escolar**: políticas, práticas curriculares e processos de ensino e aprendizagem. **Póiesis Pedagógica**. Catalão, v.12, n.1, p. 7-26, jan/jun. 2014.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Formação integral na educação básica. Estado de Santa Catarina. [S.l.]. Secretaria de Estado da Educação, 2014.

\_\_\_\_\_. Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE). **Diretrizes dos centros de atendimento educacional especializados em educação especial [livro eletrônico]** / Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE). – São José/SC: FCEE, 2020.

SILVA, Karla Fernanda Wunder da; BINS, Katiuscha Lara Genro; ROZEK, Marlene. A educação especial e a Covid-19: aprendizagens em tempos de isolamento social. **Interfaces Científicas**. vol.10, n. 1, p. 124-136, Aracaju, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Ano XVII, vol. 17, n. 30, p. 110-118, jul./dez. 2020. UESB Vitória da Conquista/BA. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127/5030>>. Acesso em: 14 dez. 2021.



## AULAS EM MEIO A PANDEMIA: AVALIAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA

Fernanda Vieira Castanha<sup>1</sup>

Raiane Lisboa Da Cruz<sup>2</sup>

Rosana Raitz<sup>3</sup>

### RESUMO

Tudo está diferente depois de termos presenciado uma pandemia jamais vista pela humanidade, período de afastamento social, lockdown, período de incertezas e medo, escolas fechadas aulas online tudo isso mudou muito o cenário escolas é exatamente isso que abordaremos neste trabalho, como se manteve as aulas nestes dois anos de pandemia com escola municipais, estaduais e privadas fechadas por decreto federal para preservação a vida, tendo como instigação principal as avaliações das crianças documento de extrema importância para avaliar, tanto o desenvolvimento das crianças quanto o caminho a ser trilhado por elas.

Palavras chaves: Pandemia. Afastamento Social. Avaliação

### ABSTRACT

Everything is different after we have witnessed a pandemic never seen by humanity, a period of social removal, lockdown, a period of uncertainty and fear, closed schools, online classes all this has changed a lot the scenario schools is exactly what we will address in this work, how the classes in these two years of pandemic with municipal, state and private schools closed by federal decree to

<sup>1</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015). Atualmente é Professora Tutora do Centro Universitário FACVEST.

<sup>2</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2020), especialização em ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2020) e especialização em LUDOPEDAGOGIA pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021). Atualmente é Professor de Apoio do Colégio Bom Jesus Diocesano e professora-tutora no Centro Universitário Unifacvest. Tem experiência na área de Educação.

<sup>3</sup>Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Integradas Facvest (2005). Atualmente é Professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Lages e professora tutora no Centro Universitário Unifacvest. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação.

preserve life, with the main instigation of children's evaluations, an extremely important document to evaluate both the development of children and the path to be followed by them .

Keywords: Pandemic. Social Distancing. Assessment.

### INTRODUÇÃO

Em 2020 a educação foi marcada historicamente por uma das maiores pandemias presenciada pela humanidade. Em 1918 ouviu-se falar muito na gripe espanhola a qual também fez bastante vítimas, chegou ao Brasil em setembro do mesmo ano, seu alastramento demorou cerca 8 meses depois, isso porque o meio de transporte da época, era navio. A grande gripe conhecida como gripe espanhola foi uma mutação do vírus influenza. Um século depois, para ser exato em novembro de 2019, o covid-19 é um vírus conhecido no meio científico como a doença coronavírus (covid-19, do inglês coronavírus disease) nome oficial da doença de acordo com a Organização mundial da saúde (OMS). Um vírus com sintomas gripal, muito semelhante a gripe espanhola, transmitido por gotículas e micro gotículas de saliva e secreção nasais etc., projetadas por uma pessoa infectada e que atingem, diretamente a boca, nariz, olhos de outras pessoas e também transmitida por contato físico entre pessoas ou objeto compartilhado, esta gripe ou melhor vírus covid-19 chega um século depois com muitas tecnologia de locomoção, onde chegou a outros países por meio de transportes aéreos com espaço curto de tempo, o vírus covid-19 se alastrou com uma velocidade da luz, se iniciou na cidade de Wuhan, província de Hubei na República Popular da China, 3 meses depois surge no Brasil o primeiro caso, em março o governo toma medidas cautelosas fechando grande parte do Brasil para tentar conter o vírus.

### Escolas Fechadas para Conter a Proliferação do Vírus covid 19

Turismo, comercio, fábricas, escola são fechadas no Brasil, uma medida para conter o covid-19.

Em Lages município de Santa Catarina na região sul do Brasil distante cerca de 231km da capital estadual Florianópolis a realidade não foi diferente, as escolas vista como um ponto de multiplicação do covid-19, foram fechadas em março de 2020.

A educação viveu um momento nunca visto antes, escolas municipais, centros de educação infantis, escolas estaduais, escolas particulares e centros universitários pararam com suas aulas presenciais segundo o pronunciamento do governador Carlos Moises noG1.globo:

As aulas nas redes pública e particular de ensino de Santa Catarina serão suspensas a partir de quinta-feira (19). A medida foi anunciada pelo governo do estado na noite desta segunda (16). O objetivo é a prevenção ao novo coronavírus. Santa Catarina tem sete casos confirmados da doença.

Lages nesta data também teve suas aulas suspensas para prevenção a vida, dias difícil foram vivido nesta época, insegurança, medo, em outras palavras pânico por parte da população, pois nada se sabia ao certo o que era este vírus que se espalhava rápido e matava, a única certeza era a prevenção com o uso de máscara, para proteger a boca e o nariz, locais onde o vírus entra, álcool para higienização das mãos, as quais ficam expostas e são de fácil contaminação, e distanciamento social, o qual neste momento era o mais certo para conter uma coisa que não se sabe o que é ao certo.

Com aulas suspensas, momento único vivido pela educação, a preocupação maior em primeiro lugar de todos que pensam a educação, era “como assistir estas crianças fora da escola?” “Como manter o nível de educação em padrões bom para todas as crianças?” Uma das soluções encontrada foi as aulas online, escolas privadas não tiveram problemas em fazer chegar as aulas nas residências das crianças, todas provem de internet e computadores, já no ensino público a realidade foi bem diferente, não tendo meios para chegar a todos as aulas online, pois nem todos tem disponibilidade de internet e computadores a alternativa encontrada foram as sugestões de atividades, as professoras das redes públicas, criaram grupos de whatsapp com explicações de conteúdos, e ainda um dia quinzenal para fazer a retirada das atividades impressas para serem realizadas em suas casas.

Realidade das redes estaduais, municipais e privada de Lages, relatam aqui suas realidades neste período, pois foi um momento único nunca vivido antes para quem está inserido no meio educacional.

O relato vivenciado pela professora Priscilaine Gastaldi docente do centro de Educação Infantil Municipal Eudalto Lopes de Sá há 20 anos foi:

“O ano de 2020 foi um ano bem atípico, com distanciamento, aulas suspensas, muitas reuniões pelo gool meet, para fazer com que chegasse a

educação para nossas crianças, neste momento de distanciamento, chegamos então a conclusão, que a melhor opção seria fizemos, sugestões de atividades, poucas famílias vinham fazer a retirada das atividades o retorno das atividades eram mais difícil ainda. Porém o que mais me tirou o sono, foi a difícil missão de avaliar as crianças, precisamos durante o ano documentar qual foi o desenvolvimento das crianças a cada semestre, como fazer isso sem contato físico sem vê-las no dia a dia. “

Segundo as leis de diretrizes:

Primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, como destaca a LDB 9394/96 (BRASIL, 1996).

A LDB é bem específica em falar do desenvolvimento da criança, mas como avaliar este desenvolvimento a distância. A avaliação é uma ferramenta que o professor usa para refletir sobre a prática pedagógica na busca de melhor forma para promover o desenvolvimento da criança sendo assim tem por trás dela, todo um processo SOUZA ressalta:

[...] as atividades propostas e o modo como foram realizados, as instruções e os apoios oferecidos a criança individualmente e ao coletivo de crianças, a forma como o professor respondeu às manifestações e às interações das crianças, os agrupamentos que as crianças formaram, o material oferecido e o espaço e o tempo garantido para a realização das atividades[...] (BRASIL, 2009, p.16)

Com todo estes materiais citados acima que se faz lei perante a BNCC são os recursos que o profissional da educação usa para nortear o aprendizado e a avaliação do aprendizado de cada criança, fazer isso a distância é impossível.

### Realidade das escolas Particulares

A realidade das escolas particulares foi diferente das escolas públicas, no qual o método era um pouco diferenciado, não menos desafiador. Com tecnologia de ponta optou se por meio de aulas ao vivo via Google Meet, eles buscavam diariamente trazer atividades inovadoras para que assim fosse possível trazer o aluno para junto ao professor, onde houvesse a participação do mesmo

e que as aulas não se tornassem maçantes ou até mesmo sem alunos. Fazer com que as crianças fiquem em frente a uma tela durante quatro horas, é uma tarefa difícil para um professor de educação infantil, pois fazer com que uma criança se encante pelas aulas sem poder tocar, olhar aos olhos e ter a mesma interação que tem em sala é desafiador.

Jerusalinsky (2017) já alertava a respeito do impacto da intoxicação eletrônica sobre a subjetividade. Para ela, o problema dos *smartphones* e *tablets* mora no fato de que frequentemente substituem o outro. Para a criança era muito atrativo estar diante dos aparelhos eletrônicos, pois havia uma interação com jogos, vídeos no youtube, porém quando partimos para usar estes mesmos eletrônicos para aulas, se tornou maçante, cansativo sem nenhuma atração. Alguns pais acabaram tirando seus filhos da escola por ser cansativo para eles, outro ainda acabaram não colocando as crianças nas horas planejadas, ficando assim defasada as aulas.

Mesmo com todo material rico em ilustrações, adesivos e tudo que possa atrair as crianças, houve dificuldades em manter os alunos participativos em aula, pois não estavam habituados com aquela nova realidade.

Para as professoras também foi bem desgastante, pois precisavam tomar a atenção das crianças em frente a tela do computador, ficar em frente a famílias das crianças e de seus superiores foi um pouco desgastante. Porém o que mais tirou o sono dos professores foi como avaliar as crianças, como avaliar através de uma tela de computador, como direcionar o aprendizado, retomar caminhos e direcionar novos caminhos tudo era muito frio e distante, o caminho mais acertado foi documentar as avaliações em forma de questionário, enviados para os pais para poder cumprir esta meta neste momento.

## CONCLUSÃO

A pandemia veio como uma avalanche, destruiu projetos, levou consigo sonhos e transformou o dia a dia muito diferente de tudo que já foi visto. Trocar a sala de aula por uma tela de computador foi algo extremamente desafiador, principalmente para os profissionais da educação infantil.

As mudanças que veio em meio a pandemia, tirou todas as áreas da zona de conforto, fez mudanças repentinas, mas em meio a todo esse caos, mostrou o quanto nós professores somos capazes de fazer a mudança, de enfrentar desafios e fazer a diferença em vários sentidos.

Ser professor é isso, fazer a transformação acontecer mesmo que seja nos momentos mais delicados e extremamente desafiador.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, A; JERUSALINSKY, J. Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017.

<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> acesso em 22/12/2021

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano> acesso em 22/12/2021

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/03/16/coronavirus-sc-suspende-aulas-na-redes-publica-e-privada-a-partir-de-19-de-marco.ghtml> acesso em 22/12/2021

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Educação Infantil: subsídios para a construção de uma sistemática de avaliação. Documento produzido pelo grupo de trabalho instituído pela portaria n. 1147/2009, do Ministério da Educação. Brasília, 2009.

<https://www.letras.mus.br/turma-da-monica/1547647/> acesso dia 27/10/2021

## TREINAMENTO PARADESPORTIVO DA APAE LAGES NA PANDEMIA

Fabricio Marcelo Ribeiro Matos<sup>1</sup>

Claudia Jane De Oliveira<sup>2</sup>

Fernanda da Silveira Lisboa<sup>3</sup>

Janete Pereira Waltrick<sup>4</sup>

Lucia Helena Matteucci<sup>5</sup>

Raiane Lisboa Da Cruz<sup>6</sup>

### RESUMO

Este artigo refere-se aos Treinamentos Paradesportivos da Apae Lages durante a Pandemia de Covid 19. Os Treinamentos Paradesportivos da Apae Lages tiveram algumas mudanças, principalmente quanto ao número de Paratletas que participam dos treinos, os quais sofreram uma queda bem acentuada. Ao todo 4 (quatro) modalidades são desenvolvidas dentro da Apae Lages com objetivo de participar em competições Paradesportivas em âmbito Nacional, Estadual, Regional e Municipal. Devido a Pandemia tivemos que nos adaptar a diferentes métodos de trabalho para tentarmos alcançar nossos objetivos. A metodologia

<sup>1</sup>Especialista em Práticas Psicopedagógicas e Gestão Escolar e Graduado em Educação Física. Professor Universitário. Email: prof.fabricio.matos@unifacvest.edu.br

<sup>2</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST (2016). Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de Lages e tutora EAD no Centro Universitário FACVEST. Tem experiência na área de Educação.

<sup>3</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021). Atualmente atua na função de professora na Prefeitura Municipal de Lages e professora-tutora no Centro Universitário Unifacvest. Tem experiência na área de Educação, com especialização em Educação Especial Inclusiva. No momento cursa a Segunda Licenciatura em Letras- Português.

<sup>4</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2017), especialização em Educação Especial Inclusiva pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021) e curso-técnico-profissionalizante em Magistério pela E.E.B Vidal Ramos Júnior (2013). Atualmente é Professor de Apoio a Inclusão da Prefeitura Municipal de Lages e professora-tutora no EAD do Centro Universitário Unifacvest.

<sup>5</sup>Mestra em Educação. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Planalto Catarinense (2002). Especialização em Educação Especial e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Professora Tutora do Centro Universitário UNIFACVEST, cursos EAD, desde maio de 2019. Mestra em Educação pela UNIPLAC.

<sup>6</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2020), especialização em ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2020) e especialização em LUDOPEDAGOGIA pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021). Atualmente é Professor de Apoio do Colégio Bom Jesus Dlocesano e professora-tutora no Centro Universitário Unifacvest. Tem experiência na área de Educação.

utilizada foi um relato das atividades realizadas, e também pesquisas através de meio eletrônico.

**Palavras-chaves:** Pandemia, Treinamentos Paradesportivos, Apae Lages, Paratletas.

### ABSTRACT

This article refers to the Para-Olympic Sports Training at Apae Lages during the Covid 19 Pandemic. The Para-sports Training Program at Apae Lages has undergone some changes, especially regarding the number of Para-athletes who participate in the training sessions, which has suffered a sharp decline. In total, 4 (four) sports are developed by Apae Lages with the objective of participating in Para sport competitions at the National, State, Regional and Municipal level. Due to the pandemic we had to adapt to different work methods to try to reach our goals. The methodology used was a report of the activities carried out, and also research through electronic means

**Keywords:** Pandemic, Para-sports Training, Apae Lages, Para-athletes

### 1. INTRODUÇÃO

Apae de Lages teve sua fundação em maio de 1965, atualmente a entidade tem em torno de 500 alunos matriculados, destes em torno de 80 alunos participam dos treinos nas modalidades de Atletismo, Bocha Paralímpica, Futsal e Tênis de Mesa, divididos em turmas de acordo com o nível funcional e pré-disposição para a modalidade. Nossos paratletas participam de vários campeonatos durante o ano, em nível Municipal, Estadual e Nacional de acordo com o calendário. Nos anos de 2020 e 2021 tivemos poucos eventos devido a Pandemia de COVID 19, os treinos também tiveram que ser cancelados, sendo que após março de 2020 até julho 2021 não teve nenhum treino devido aos decretos vigentes, após julho de 2021 retornamos com algumas atividades mantendo o distanciamento e com os devidos cuidados.

### 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nosso público-alvo para os treinos são pessoas com Deficiência Intelectual e/ou Múltipla, TEA (Transtorno do Espectro Autismo) com idade superior à 10 anos, sem limite de idade.



Segundo essa definição, a **deficiência intelectual** é compreendida como uma condição caracterizada por importantes limitações, tanto no funcionamento **intelectual**, quanto no comportamento adaptativo, que está expresso nas habilidades adaptativas conceituais, sociais e práticas, manifestadas antes dos dezoito anos de idade ... [https://www.google.com/search?q=defici%C3%Aancia+intelectual+defini%C3%A7%C3%A3o&ei=wfvEYbe\\_Mea-5OUP6IebgA0&oq=deficiencia+intelectual+defini&gs\\_lcp=-Cgdnd3Mtd2l6EAEYADIFCAAQgAQyBggAEByQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB4yBggAEByQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB46BwgAEEcQsAM6BwgAELADEEM6BAgAEENKBAhBGABKBAhGGABQ1wVYliZg8UVoAXACeACAA-cYBiAGeCJIBAzAuN5gBAKABAcgBCsABAQ&scient=gws-wiz](https://www.google.com/search?q=defici%C3%Aancia+intelectual+defini%C3%A7%C3%A3o&ei=wfvEYbe_Mea-5OUP6IebgA0&oq=deficiencia+intelectual+defini&gs_lcp=-Cgdnd3Mtd2l6EAEYADIFCAAQgAQyBggAEByQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB4yBggAEByQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB46BwgAEEcQsAM6BwgAELADEEM6BAgAEENKBAhBGABKBAhGGABQ1wVYliZg8UVoAXACeACAA-cYBiAGeCJIBAzAuN5gBAKABAcgBCsABAQ&scient=gws-wiz)

#### O Transtorno do Espectro Autista (TEA):

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. Sinais de alerta no neurodesenvolvimento da criança podem ser percebidos nos primeiros meses de vida, sendo o diagnóstico estabelecido por volta dos 2 a 3 anos de idade. A prevalência é maior no sexo masculino. <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autismo-TEA>

Durante os anos de 2020/2021 vivenciamos um período de Pandemia de COVID 19 (SARS cov-2):

Os coronavírus fazem parte de uma velha conhecida família de vírus, responsáveis por infecções respiratórias em seres humanos (resfriados) e em animais. O SARS-CoV-2, também conhecido como novo coronavírus, é uma cepa identificada em 2019 que, infelizmente, tem algumas características genéticas que o tornam mais transmissível e capaz de causar quadros clínicos mais graves. <https://sbim.org.br/covid-19/73-perguntas-e-respostas-sobre-as-vacinas/o-virus-sars-cov-2-e-a-covid-19>

Fazendo com que os treinamentos fossem interrompidos por um grande espaço de tempo, causando com isso nos paratletas uma estagnação no desenvolvimento físico e motor, pois nenhuma atividade esportiva estava libe-

rada devido a diversos decretos nos âmbitos federal, estadual e municipal, aos poucos tivemos que nos reinventar nos métodos e locais de treinos, proporcionando uma volta gradual.

Antes da Pandemia tínhamos treinos 2 à 3 vezes por semana nas modalidades de Atletismo, Bocha Paralímpica, Futsal e Tênis de Mesa, com um total de 90 paratletas com Deficiência Intelectual, divididos em turmas de no máximo 15 paratletas dependendo da modalidade, com a pandemia de COVID 19 esse número caiu consideravelmente, nos dias atuais temos em torno de 50 paratletas em treinamento, com turmas de máximo 10 paratletas, com treinos 1 à 2 vezes por semana, procurando sempre seguir os decretos sanitários vigentes, esse número expressivo de desistências se deve à vários fatores, dentre eles, alunos que os pais não liberaram para estar nos treinos presenciais, alunos que devido a Pandemia não tiveram acesso à vacina, ou não quiseram fazê-la.

Para podermos entender um pouco mais sobre as modalidades do nosso projeto começaremos falando sobre o Futsal.

**Futsal** é o futebol adaptado para prática em uma quadra esportiva por times de 5 jogadores. As equipes, tal como no futebol, têm como objetivo colocar a bola na meta adversária, definida por dois postes verticais limitados pela altura por uma trave horizontal. Quando tal objetivo é alcançado, diz-se que um gol foi marcado, e um ponto é adicionado à equipe que o atingiu. O goleiro, último jogador responsável por evitar o gol, é o único autorizado a segurar a bola com as mãos. A partida é ganha pela equipe que marcar o maior número de gols em 40 minutos divididos em dois tempos. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Futsal>

Esta modalidade é praticada no Paradesporto com suas regras convencionais, sem nenhuma adaptação para os Deficientes Intelectuais e/ou Transtorno do Espectro Autismo, tendo várias competições durante o ano nas diversas esferas, municipal, estadual, nacional.

Outra modalidade praticada nos treinamentos é a Bocha Paralímpica.

Praticada por atletas com elevado grau de paralisia cerebral ou deficiências severas, a bocha paralímpica só apareceu no Brasil na década de 1970. A competição consiste em lançar as bolas coloridas o mais perto possível de uma branca (jack ou bolim). Os atletas ficam sentados em cadeiras de rodas e limitados a um espaço demarcado para fazer os arremessos. É permitido usar as mãos, os pés e instrumentos de auxílio, e contar com ajudantes (ca-

lheiros), no caso dos atletas com maior comprometimento dos membros. Todos os atletas da bocha competem em cadeira de rodas. Na classificação funcional, eles são divididos em quatro classes, de acordo com o grau da deficiência e da necessidade de auxílio ou não. No caso dos atletas com maior grau de comprometimento, é permitido o uso de uma calha para dar mais propulsão à bola. Os tetraplégicos, por exemplo, que não conseguem movimentar os braços ou as pernas, usam uma faixa ou capacete na cabeça com uma agulha na ponta. O calheiro posiciona a canaleta à sua frente para que ele empurre a bola pelo instrumento com a cabeça. Em alguns casos, o calheiro acaba sendo a mãe ou o pai do atleta. Classes da Bocha: BC1: Opção de auxílio de ajudantes (podem estabilizar ou ajustar a cadeira do jogador e entregar a bola, quando pedido) BC2: Não podem receber assistência. BC3: Deficiências muito severas. Usam instrumento auxiliar, podendo ser ajudados por outra pessoa. BC4: Outras deficiências severas, mas que não recebem assistência. <https://www.cpb.org.br/modalidades/51/bocha>

Esta foi umas das modalidades paradesportivas que maior teve impacto negativo nos treinos, por se tratar de paratletas com maior grau de deficiência, e seus pais e/ou responsáveis ficarem com maior receio de mandarem eles para os treinos, também por terem uma imunidade mais baixa em relação à outras deficiências. Porém após as vacinas eles retornaram gradualmente as atividades presenciais, já que durante a pandemia continuamos com atividades sendo repassadas de modo on-line. Percebemos quando retornaram que tiveram uma perda muito grande de rendimentos nos treinos, principalmente a parte física, pois por se tratar de cadeirantes a musculatura atrofiou de forma bastante visível, fazendo com que eles deixassem de realizar alguns movimentos durante os treinos.

O Tênis de Mesa é outra modalidade praticada nos treinos:

O tênis de mesa <sup>(português brasileiro)</sup> ou ténis de mesa <sup>(português europeu)</sup>, ténis-de-mesa, mesatenismo ou ping-pong (modo abrasileirado: pingue-pongue) é um esporte inventado no Reino Unido, mais precisamente na Inglaterra no século XIX onde era conhecido como ping-pong, até se tornar uma marca registrada e por isso mudou-se o nome na Europa para ténis de mesa, sendo o nome ping-pong atualmente usado apenas para fins recreativos. É um dos esportes mais populares do mundo em termos de número de jogadores. O tênis de mesa é conhecido como sendo o esporte com o tipo de bola mais rápida do mundo, sendo o esporte de raquete que mais produz efeito (rotação) na bola. [https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%AAnis\\_de\\_mesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%AAnis_de_mesa)

O Tênis de mesa é praticado nas modalidades individual e dupla, nos naipes masculino e feminino, apesar de ser praticado por Deficientes Intelectuais seguem as regras oficiais da modalidade, atualmente temos em torno de 10 atletas treinando 3 (três) vezes por semana.

Temos ainda os treinos de Atletismo, divididos em várias provas de pista e campo e rua:

Os competidores são divididos em classes esportivas de acordo com a funcionalidade na prática esportiva para atletas com deficiência física e acuidade visual para atletas com deficiência visual. Os que disputam provas de pista (velocidade, meio fundo, fundo e saltos) e de rua (maratona), levam a letra T (de track) em sua classe. Deficiências Física, visual e intelectual. Gênêros Feminino e masculino. Provas de Pista, campo e rua. <https://www.cpb.org.br/modalidades/46/atletismo>

Atualmente em torno de 40 paratletas participam dos treinos que acontecem de 2 à 3 vezes por semana, sendo divididos em treinos de musculação, e treinos na pista de Atletismo do Estádio Municipal Vidal Ramos Júnior na cidade de Lages/SC, e ainda na rua ao lado da Apae Lages. Nos anos de 2020 e 2021 devido a Pandemia tivemos uma baixa procura nos treinos, sendo que orientamos as famílias e os paratletas através de Watts App, com exercícios, atividades para auxiliar na manutenção da parte física e técnica.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo este trabalho percebemos que durante a Pandemia de COVID 19 que assolou o Brasil e o mundo tivemos que nos adaptar de diversas formas para conseguir chegar o mais próximo possível dos nossos paratletas, desenvolvendo métodos diferenciados de treinos, técnicas as quais não estávamos acostumados a lidar. Apesar das diversas dificuldades encontradas observamos que os paratletas da Apae Lages mantiveram o nível técnico adquirido anteriormente à Pandemia. Acreditamos que alguns métodos de treinamentos podem ser mantidos mesmo pós pandemia, pois tiveram êxito nas suas execuções.

### REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Renato; Gonçalves, José Correia. **Procedimentos de metodologia científica / Renato Rodrigues**. 9. ed. Lages: PAPERVEST, 2020.

[https://www.google.com/search?q=defici%C3%Aancia+intelectual+defini%C3%A7%C3%A3o&ei=wfvEYbe\\_Mea-5OUP6IebgA0&aq=deficiencia+intelectual+defini&gs\\_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAEYADIFCAAQgAQyBggAEBYQHjIGCAA-QFhAeMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB46BwgAEecQ-sAM6BwgAELADEEM6BAgAEENKBAhBGABKBAhGGABQ1wVYliZg8UVoAXA-CeACAACyBiAGeCJIBAzAuN5gBAKABAcgBCsABAQ&scient=gws-wiz](https://www.google.com/search?q=defici%C3%Aancia+intelectual+defini%C3%A7%C3%A3o&ei=wfvEYbe_Mea-5OUP6IebgA0&aq=deficiencia+intelectual+defini&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAEYADIFCAAQgAQyBggAEBYQHjIGCAA-QFhAeMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB46BwgAEecQ-sAM6BwgAELADEEM6BAgAEENKBAhBGABKBAhGGABQ1wVYliZg8UVoAXA-CeACAACyBiAGeCJIBAzAuN5gBAKABAcgBCsABAQ&scient=gws-wiz)

<https://sbim.org.br/covid-19/73-perguntas-e-respostas-sobre-as-vacinas/o-virus-sars-cov-2-e-a-covid-19>

<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autismo-TEA>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Futsal>

<https://www.cpb.org.br/modalidades/51/bocha>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%AAnis\\_de\\_mesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%AAnis_de_mesa)

<https://www.cpb.org.br/modalidades/46/atletismo>

## VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Marcia Santos de Sá<sup>1</sup>  
Janete Pereira Waltrick<sup>2</sup>  
Keli Almeida Bortoli Paz<sup>3</sup>  
Raiane Lisboa da Cruz<sup>4</sup>  
Rejane Dutra Bergamaschi<sup>5</sup>  
Schaiane Souza Cruz<sup>6</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe-se nos trazer relatos importantes e da mesma forma impactantes vivenciados em tempos de pandemia no convívio familiar e no panorama educacional, enaltecendo o papel do professor, trazendo a tona suas dificuldades e conquistas perante o cenário em que vivenciamos.

Palavras-chaves: Pandemia, Convívio Familiar, Papel do Professor.

### ABSTRACT

This article proposes to bring us important and equally impacting reports experienced in times of pandemic in family life and in the educational landscape, praising the role of the teacher, bringing out their difficulties and achievements in the scenario in which we experience.

Keywords: Pandemic, Family Living, Role of the Teacher.

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia e Graduanda em Educação Especial

<sup>2</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2017), especialização em Educação Especial Inclusiva pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021) e curso-técnico-profissionalizante em Magistério pela E.E.B Vidal Ramos Júnior (2013). Atualmente é Professor de Apoio a Inclusão da Prefeitura Municipal de Lages e professora-tutora no EAD do Centro Universitário Unifacvest- Revisora

<sup>3</sup>Possui graduação em pela Universidade Norte do Paraná (2010) e mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (2012).

<sup>4</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2020), especialização em ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2020) e especialização em LUDOPEDAGOGIA pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021). Atualmente é Professor de Apoio do Colégio Bom Jesus Diocesano e professora-tutora no Centro Universitário Unifacvest. Tem experiência na área de Educação- Revisora

<sup>5</sup>Mestre em Ambiente e Saúde pela Universidade do Planalto Catarinense- Revisora

<sup>6</sup>Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST (2016). Atualmente é Professora do Centro Universitário FACVEST. Tem experiência na área de Educação- Revisora

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, interpelaremos sobre como a pandemia afetou nosso dia a dia no convívio familiar, trabalho, na escola e o papel do professor que teve seus métodos de ensino transformados, remodelados em seu contexto tradicional de ensinar. As tecnologias tomaram um papel importante e fundamental no cenário pandêmico em que a sociedade se viu assolados desde o ano de 2020. Os professores e alunos tiveram que se adaptar para continuar o processo de ensino-aprendizagem.

Este presente trabalho buscou trazer o histórico da pandemia do novo coronavírus, além de algumas questões e soluções que os professores buscaram para transmitir aos alunos todo o conhecimento que outrora era transmitido presencialmente, agora de forma remota.

## 2. O Surgimento de um Novo Vírus

Em 31 de Dezembro de 2019, foram relatados os primeiros casos do Coronavírus (Covid-19), na cidade de Wuhan localizada na China. Desde então o percentual de pessoas infectadas cresceu de uma forma alarmante, gerando medo nas pessoas que até então não sabiam ao certo do que se tratava esse novo e tão letal vírus.

No Brasil, após o nosso Carnaval, a mídia divulga o primeiro caso de COVID – 19, trazendo á população pânico e insegurança, levando a todos os órgãos a buscarem novas medidas de segurança ao combate e ao estudo desse novo vírus.

Foi um momento bem difícil para todos os países pois as pessoas transmitiam de forma muito rápida esse vírus e a todo momento milhares de pessoas em todo o mundo estavam morrendo. Os primeiros estudos mostravam que pessoas com idades mais avançadas eram as mais afetadas, depois já as que tinham algum tipo de doença deixando seu corpo mais debilitado e por fim já não deferia nada do que se apresentava no início, pois morriam pessoas de todas as idades, portadoras ou não de algum tipo de doença. Algumas medidas foram aos poucos sendo tomadas para tentar frear a transmissão e a proliferação do vírus. Nos afastamos das pessoas de quem tanto amávamos ou tínhamos um maior contato, nos trancamos dentro de casa, vivenciamos um verdadeiro caos, o mundo parou, ruas, praças, restaurantes tudo ficou deserto. Quantas datas importantes não pudemos comemorar, quanta coisa foi adiada, países fechando fronteiras, a economia sendo rigorosamente afetada.

## 3. Impactos na Educação

Dentre os aspectos positivos, é necessário ressaltar, que o professor passou ser mais valorizado, houve maior participação dos pais na rotina escolar dos filhos a aprendizagem por meio digital; em contrapartida, temos os aspectos negativos, falta de recursos tecnológicos e de conhecimentos para o manuseio, pouca participação e interação e um dos principais desafios tem a ver com a aquisição de dispositivos (computador, smartphone, tablets, etc.) e o acesso à internet de qualidade. Isso desvela a terrível desigualdade social.

Na educação, o atual cenário que há tempos não é dos melhores, passa por uma transformação brusca. A educação básica sofreu grandes transformações com regime emergencial de aulas remotas adotadas pelas escolas, uma situação inédita vivenciada no cenário educacional, em uma época que vivenciamos uma gama de recursos digitais, mesmo que de forma desigual entre classes sociais.

A pandemia impôs o distanciamento de milhões de alunos e professores em todo mundo, que ficaram impedidos de frequentar os espaços físicos de escolas por um espaço substancial de tempo.

Professores de todo país, precisaram ministrar suas aulas diante de uma tela de computador. Seu trabalho que até então era realizado diante de um quadro com giz, hoje passou a ser ministrado através de gravações de vídeos a serem exibidos aos seus alunos. A tecnologia passa a ser um aliado no trabalho do professor. Diante disso, muitos tiveram dificuldades pois ainda não dominam essa nova ferramenta, tornando mais difícil e demorado planejar suas atividades e ao mesmo tempo nossos docentes mostraram-se competentes, criativos e adaptáveis a essa nova forma de ensinar.

Apesar de todos os esforços e resultados alcançados, a realidade de muitos alunos é bastante difícil, pois muitos se quer possuem material didático, tão menos tem acesso às tecnologias, famílias que tinham na escola o seu refúgio para dar o que comer aos seus filhos, que viam a educação como uma oportunidade de uma vida melhor aos seus filhos.

Tudo isso, retrata um país leigo em desenvolvimento em muitas áreas e uma das principais á educação.

Muitos foram os esforços e dificuldades dos professores e das famílias para garantir que os alunos não ficassem sem acesso às atividades e que garantissem o mínimo se quer de aprendizado, foi então que a parceria e as trocas de experiências entre a escola e família se tornou grande.



Diante de todo cenário vivido muitos foram os aspectos positivos, é necessário ressaltar, que o professor passou ser mais valorizado, houve maior participação dos pais na rotina escolar dos filhos em contrapartida, o aprendizado quanto ao uso e manuseio do computador e toda era digital, temos os aspectos negativos, falta de recursos tecnológicos e de conhecimentos para o manuseio, pouca participação e interação e um dos principais desafios tem a ver com a aquisição de dispositivos (computador, smartphone, tablets, etc.) e o acesso à internet de qualidade. Isso desvela a terrível desigualdade social. Da qual vivenciamos há muito tempo em nosso país.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os aspectos positivos, é necessário ressaltar, que o professor passou ser mais valorizado, houve maior participação dos pais na rotina escolar dos filhos a aprendizagem por meio digital; em contrapartida, temos os aspectos negativos, falta de recursos tecnológicos e de conhecimentos para o manuseio, pouca participação e interação e um dos principais desafios tem a ver com a aquisição de dispositivos (computador, smartphone, tablets, etc.) e o acesso à internet de qualidade. Isso desvela a terrível desigualdade social.

Porém esperamos ansiosos pelo grande abraço, e que a partir de tudo que passamos, que tenhamos empatia um pelos outros

### REFERÊNCIAS

**Coronavírus**, 2022, ASCOM - Secretaria de Estado de Saúde Governo do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <<http://coronavirus.sc.gov.br/>>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2022.

**Coronavírus**: Números da Pandemia. G1.Globo, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/>>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2022.

### NORMAS PARA COLABORADORES

A Ensaio Pedagógico - Letras: Português, Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de Letras: Português da UNIFACVEST tem as seguintes normas editoriais para a apresentação de artigos, resenhas e depoimentos:

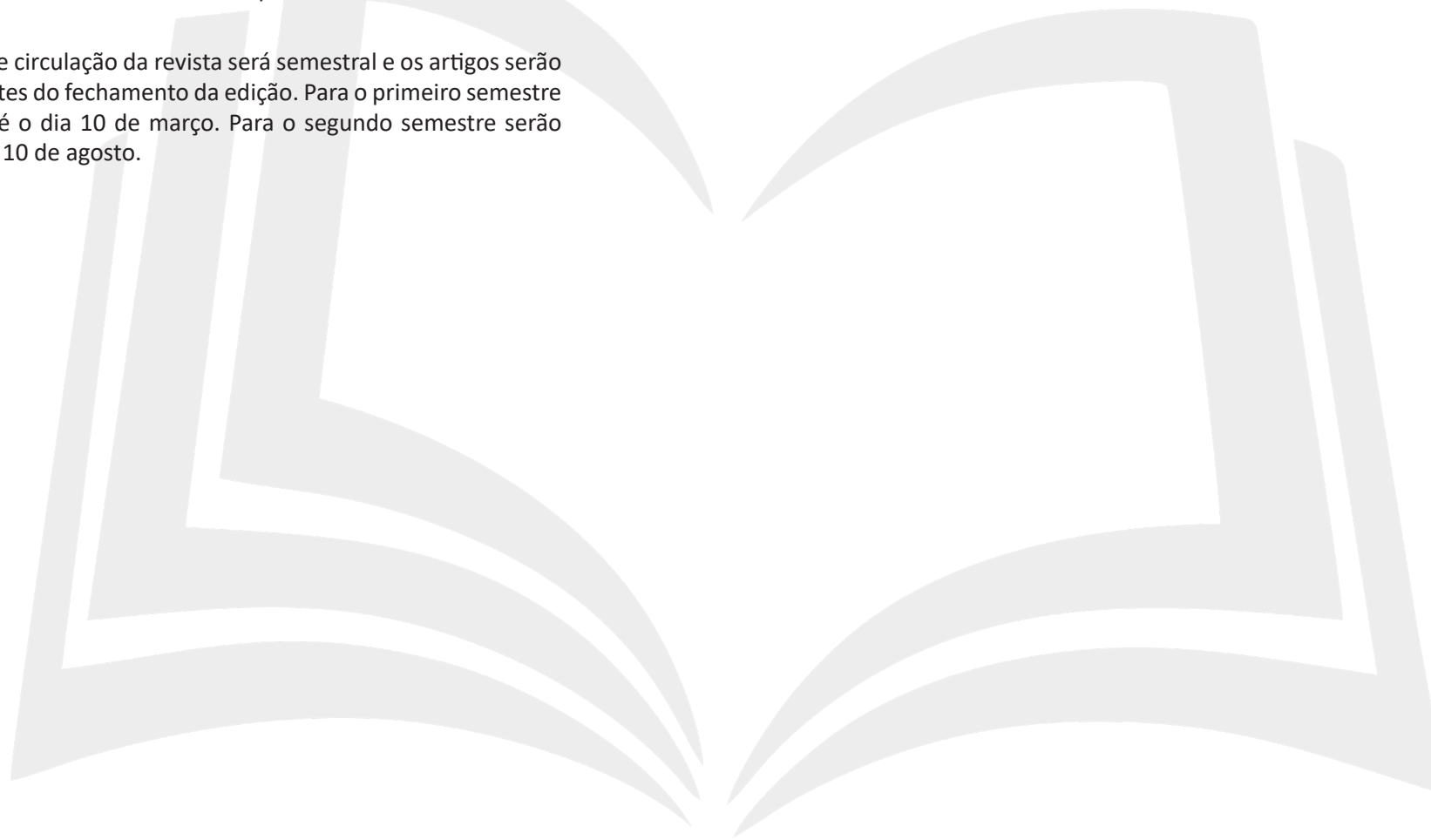
1. Os artigos deverão ser inéditos (não publicados em periódicos de circulação nacional);
2. Os artigos deverão ser entregues num envelope fechado e o nome do autor deverá ser omitido para a apreciação e análise do Conselho Editorial;
3. Acompanhará o envelope com os artigos, um envelope lacrado, com o título do trabalho e um breve Curriculum Vitae, contendo: nome completo, última titulação e atividades profissionais em desenvolvimento, endereço completo com endereço eletrônico;
4. Dados técnicos: os artigos deverão conter de 5 a 15 páginas, incluindo texto, referências e ilustrações; Página: formato A4; margens: superior 1,5cm, inferior 2cm, esquerda 2cm, direita 2cm; medianiz 0,7, fonte Times New Roman tamanho 12, espaçamento simples. Deverá ser usado editor Word for Windows.
5. Depoimentos e resenhas não têm limite mínimo e máximo de páginas.
6. As referências devem seguir as normas da ABNT, no final do capítulo, digitadas em tamanho 12, sem itálico, com título da obra em negrito; citações seguirão a NBR 10520.
7. As notas devem ser feitas no rodapé em tamanho de letra 10, a 1cm da margem inferior.
8. Os artigos deverão ser enviados conforme edital.
9. Os artigos deverão ser acompanhados de resumos em português e inglês de no máximo 10 linhas. As palavras resumo e abstract serão centradas, em negrito, tamanho 14, porém, o seu texto, em um único parágrafo, justificado, sem margem, em tamanho 12.
10. Deverá conter, abaixo do resumo e do abstract, até quatro palavras-chave (key words), também em tamanho 12;
11. O endereçamento para correspondência é: Revista Ensaio Pedagógico -

Letras: Português. Att. Coordenação de Pesquisa e Extensão. Av. Mal. Floriano, 947. Lages – SC. E-mail: prpe@unifacvest.edu.br.

12. Os autores receberão, no período de até 35 dias documento informando sobre a análise pelo Conselho Editorial e pelos revisores;

13. Os autores deverão anexar, junto ao envelope lacrado, declaração autorizando a Unifacvest e a Papervest editora a publicar os artigos sem quaisquer custos para os editores, bem como desenvolver publicidade na mídia sobre a publicação;

14. A periodicidade de circulação da revista será semestral e os artigos serão recebidos até 45 dias antes do fechamento da edição. Para o primeiro semestre serão aceitos artigos até o dia 10 de março. Para o segundo semestre serão aceitos artigos até o dia 10 de agosto.





editora  
**papervest**

Publicação da Papervest Editora  
Av Marechal Floriano, 947 - CEP: 88503-190  
Fone: (49) 3225-4114 Lages/SC  
[www.unifacvest.edu.br](http://www.unifacvest.edu.br)